

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Jéssica Cunha de Mattos**

**O *status* da psicologia na perspectiva de Sigmund Koch**

**Juiz de Fora  
2018**

**Jéssica Cunha de Mattos**

**O *status* da psicologia na perspectiva de Sigmund Koch**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Área de concentração: História e Filosofia da Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Saulo de Freitas Araujo

**Juiz de Fora**

**2018**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mattos, Jéssica Cunha de.

O status da psicologia na perspectiva de Sigmund Koch / Jéssica Cunha de Mattos. -- 2018.

68 p.

Orientador: Saulo de Freitas Araujo

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Psicologia, 2018.

1. Koch. 2. Status da Psicologia. 3. Estudos Psicológicos. I. Araujo, Saulo de Freitas, orient. II. Título.

**Jéssica Cunha de Mattos**

**O *status* da psicologia na perspectiva de Sigmund Koch**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Área de concentração: História e Filosofia da Psicologia

Aprovada em ( ) de ( ) de (2018)

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Saulo de Freitas Araujo - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo Lopes  
Universidade Estadual do Maringá

---

Prof. Dr. Altemir José Gonçalves Barbosa  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho aos meus avós, maior fonte de carinho e amor, os grandes responsáveis por todo o meu percurso até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Saulo de Freitas Araujo pelos ensinamentos, dedicação, paciência, disponibilidade de tempo e pelo apoio total durante a realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Carlos Eduardo Lopes, Prof. Dr. Francis Ricardo dos Reis Justi e Prof. Dr. Altemir José Gonçalves Barbosa pelas relevantes contribuições e disponibilidade para participação em minha banca.

Aos colegas de linha de pesquisa Camila Carbogim, Rayssa Maluf, Bruno Pamponet, Cíntia Marcellos, e, especialmente, Monalisa Lauro, que me inspirou desde o início de minha graduação ao estudo da história e filosofia da psicologia.

À todos os membros do Núcleo de História e Filosofia da Psicologia Wilhelm Wundt (NUHFIP).

À Daniele Mesquita, pelo amor, compreensão e incentivo durante esse processo.

À Daniela Brum, Talita Araújo, Laís Lage, Brune Coelho e Ivan Ramalho, pessoas muito queridas que fizeram parte dessa trajetória.

À minha família, que me apoiou e incentivou, torcendo pelo sucesso deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter disponibilizado a bolsa de estudos.

## RESUMO

A proposta desta dissertação é de apresentar as principais discussões sobre o status do campo de conhecimento psicológico a partir da visão e das contribuições do filósofo da ciência e psicólogo norte-americano Sigmund Koch (1917-1996). Para isso, foram analisados os principais conceitos e argumentos apresentados por Koch em sua discussão sobre a produção de conhecimento da psicologia no século XX. Durante a realização desse estudo utilizou-se como fonte de análise todas as publicações de Koch relativas a essa temática. Além disso, com intuito de contextualização do tema e da perspectiva do autor, foram consultadas fontes secundárias, artigos publicados por autores que discutem o mesmo tema no contexto de Koch e outros que fazem referência a seu trabalho. Diante disso, as discussões que permeiam o trabalho tratam dos argumentos apresentados por Koch para justificar sua avaliação do campo de conhecimento psicológico e de sua proposta de chamar a psicologia de estudos psicológicos, o que para ele, é uma forma de definição mais honesta e coerente do campo.

Palavras chave: Koch, Status da Psicologia, Estudos Psicológicos.

## **ABSTRACT**

The proposal of this dissertation is to present the main discussions about the status of the field of psychological knowledge based on the contributions of the North American science philosopher and psychologist Sigmund Koch (1917-1996). For this purpose, we analyzed the main conceptions and arguments presented by Koch in his discussion about the construction of psychological knowledge in twentieth century. While carrying out this research we used as our source of analysis all publications of Koch regarding this topic. Furthermore, with the aim of contextualization about the theme and the author's perspective, we consulted secondary sources, papers published by authors that discuss the same topic in the context of Koch and others that refer to its work. In face of this, the discussions that permeate this study are about the arguments presented by Koch to justify his assessment of the field of psychological knowledge and his proposal to call psychology, psychological studies, which for him means defining in a honest and coherent way.

**Keywords:** Koch, Psychology status, Psychological Studies.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. O PROBLEMA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA E DA ERA DA TEORIA.....</b>	<b>16</b>
2.1. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA.....	16
2.2. A ERA DA TEORIA (1930-1960).....	19
<b>2.2.1. <i>Patologia Cognitiva, Pensamento sem significado e Pensamento significativo: Uma discussão conceitual</i>.....</b>	<b>23</b>
2.3. A TEORIA HULLIANA: UM EXEMPLO DA ERA DA TEORIA.....	29
<b>3. A PSICOLOGIA COMO UMA TERCEIRA FORÇA DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>36</b>
3.1. A BUSCA POR UMA REDEFINIÇÃO DO CONHECIMENTO.....	36
3.2. O PAPEL DA PSICOLOGIA A PARTIR DE UMA APROXIMAÇÃO COM AS HUMANIDADES.....	40
<b>3.2.1. <i>Estados Motivacionais e Propriedades de Valor: exemplos de uma possível articulação da psicologia com as humanidades</i>.....</b>	<b>42</b>
<b>3.2.2. <i>A Teoria da Definição e o Processo de treinamento perceptivo: A psicologia como terceira força e seu papel na redefinição do conhecimento</i>.....</b>	<b>46</b>
<b>4. ESTUDOS PSICOLÓGICOS: UMA CATEGORIA DE INTERPRETAÇÃO.....</b>	<b>49</b>
4.1. A FRAGMENTAÇÃO DA PSICOLOGIA.....	50
4.2. Karl Edward Zener: um exemplo de pensamento significativo.....	58
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>65</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O problema do *status* da psicologia é algo que, desde o início das discussões que buscam definir a disciplina como campo de saber científico, já está presente e, em certa medida, até os dias atuais, não encontra consenso. Apesar de sua organização e institucionalização em termos socioculturais, ainda há muito que se explorar. Ao tratar este problema, percebe-se que os aspectos que o envolvem consistem principalmente na ambiguidade e na falta de coerência presente no campo. Existem diversos posicionamentos sobre a psicologia em relação ao seu *status*, à sua configuração como um campo de saber e em relação à possibilidade de considerá-la ciência. Cada um desses posicionamentos e interpretações sobre o campo psicológico se fundamentam em diferentes perspectivas da filosofia da ciência. Historicamente, constata-se que o conhecimento psicológico foi concebido ora como parte integrante das ciências naturais, ora como integrante das ciências humanas. Além de questionamentos referentes à cientificidade da disciplina, o debate sobre seu *status* engloba também a problematização de autores sobre sua independência em relação a outros campos do conhecimento (Giorgi, 1985). Seguindo nessa perspectiva, observa-se que a diversidade de visões sobre o *status* da psicologia é caracterizada pela discussão a respeito da natureza de seu objeto de estudo, seus métodos, suas descobertas, seus problemas, sua linguagem teórica e posições filosóficas. Tal diversidade sugere que o *status* do campo é caracterizado por ambiguidade, falta de consenso, de articulação e de coerência (Staats, 1991).

A partir dessa breve apresentação, é possível constatar, sistematicamente, alguns pontos de debate encontrados, de forma mais frequente, na discussão sobre o *status* da psicologia entre autores do contexto norte-americano no século XX<sup>1</sup> (Miller, 1985; Giorgi,

---

<sup>1</sup> Escolhemos aqui, especificamente, o contexto norte-americano no século XX, buscando compreender de que forma essa discussão estava se desenvolvendo no período que a presente dissertação se destina a abordar.

1985; Robinson 1985; Matarazzo, 1987; Staats, 1991; Altman, 1993; Bower, 1993; Stenberg, 2004). Tais pontos de debate são: a questão da cientificidade, da independência, da unidade/fragmentação<sup>2</sup> e a dicotomia entre ciências da natureza e ciências humanas. Todos esses aspectos aparecem nas publicações sobre o tema como sendo característicos, e não há consenso no posicionamento dos autores a respeito deles. A seguir, apresentaremos brevemente o posicionamento de três desses autores citados acerca do *status* da psicologia, de forma que será possível constatar cada ponto de debate mencionado em seus pensamentos.

Em um livro dedicado ao centenário da psicologia, no qual Sigmund Koch e David Leary foram responsáveis pela edição e organização, autores como Miller, Giorgi e Robinson (1985) apresentaram suas avaliações sobre o *status* da disciplina. Miller (1985) narra que no curso de sua formação acreditava que a psicologia era uma ciência biológica e que o método experimental garantia sua objetividade científica para estudos de aspectos como percepção, aprendizagem e motivação. Foi educado a pensar que a psicologia clínica e social enfraqueceria e destruiria um possível *status* científico da disciplina. Em certa medida, o autor afirma continuar acreditando nisso. Para ele, a psicologia é “um zoológico intelectual”, no qual os pesquisadores do campo disputam pela obtenção de discípulos e manutenção de suas ideias como as mais pertinentes para o entendimento da disciplina. Embora seja duro em sua posição, Miller (1985) defende que partes da psicologia são claramente científicas, e outras partes não, e que o único núcleo comum do campo da disciplina, enquanto responsável pelo entendimento da consciência, consiste na fé, por parte dos psicólogos, de que a mesma em algum momento se desenvolverá de forma que consiga abarcar o conhecimento que vem se propondo desde sua institucionalização. Miller (1985) entende que a psicologia se

---

<sup>2</sup> O problema da fragmentação ou dispersão teórico-metodológica presente no campo da psicologia foi objeto de muita discussão entre os psicólogos norte-americanos no século XX (Altman, 1993; Bower, 1993; Giorgi, 1985, Matarazzo, 1987; Staats, 1991), e ainda é uma questão que permanece em aberto na atualidade, como podemos constatar na publicação de Stenberg (2004). Esta questão será tratada de modo mais direto no último capítulo desta dissertação.

desenvolveu pouco em cem anos, de forma que se manteve despreocupada em confrontar problemas que eram de fato pertinentes.

Para Miller (1985), para que uma ciência da consciência se desenvolva, é necessário, em primeiro lugar, estabelecer uma linguagem formal em que seja possível a comunicação de pontos de vista, sem cair na ambiguidade de definições; é preciso ser capaz de explicar o mundo real do ser humano como se estivesse explicando para um ser dotado de inteligência, porém não humano, assim como psicólogos que realizam estudos comparativos tentam compreender o mundo de uma abelha sem o ter experienciado (exemplifica dizendo que é como se tivéssemos que explicar para alienígenas como é o nosso mundo). Para isso, segundo o autor, teríamos que lançar mão dos polos biotrópico e sociotrópico (tomando como base as ideias de Boring, que concebe o primeiro como pequenos elementos e o segundo como grandes sistemas), entendendo que partes da explicação dependeriam de receptores neurofisiológicos, do cérebro e de efetores e outras partes dependeriam de convenções sociais. Mas a explicação da consciência, propriamente dita, não pode ser englobada por nenhum desses polos, mas sim pelas expressões de comportamento, que não são o objeto propriamente dito (consciência), mas que servem como forma de evidência.

Outra forma de compreensão do *status* da psicologia pode ser exemplificada através das ideias de Giorgi (1985), que afirma que a maior parte das dificuldades citadas por psicólogos relacionadas ao entendimento do *status* da psicologia podem ser agrupadas em três diferentes aspectos: a falta de unidade do campo; a divisão entre aspirações científicas e profissionais e, por último, a discrepância entre a busca pela cientificidade da psicologia e suas dificuldades de apreensão fidedigna de dados característicos do ser humano ou de aspectos do fenômeno concreto. Além disso, Giorgi (1985) constata duas lições importantes fornecidas pela história da psicologia, relacionadas à busca por um *status* de cientificidade; são elas: a unificação do campo psicológico não é possível, se for perseguida meramente

através de uma metodologia independente da natureza do objeto de estudo; e, os problemas relativos ao objeto de estudo não podem ser evitados na busca de uma ciência psicológica adequada. Embora aponte essas dificuldades, Giorgi (1985), acredita que a psicologia pode ser considerada uma ciência coerente, mas para isso é necessário compreender corretamente a essência do comportamento e da experiência, ou seja, apenas por meio de realizações conceituais e teóricas e do entendimento da natureza do objeto será possível conceber uma ciência psicológica. Nesse sentido, a proposta de Giorgi (1985) consiste na clarificação dos significados já atribuídos ao objeto da psicologia, o que o leva a classificar o mesmo através do termo *expressiveness*, que segundo ele, é capaz de abranger todas as formas já concebidas de se representar o objeto da psicologia, que incluem a ideia de consciência, experiência e comportamento.

Como um terceiro entendimento acerca do *status* da psicologia, para fins de contextualização da discussão do problema, apresentamos o posicionamento de Robinson (1985). Em sua visão, o século XX foi representado por uma aceitação geral da psicologia como uma ciência natural, de forma que, houve uma transição súbita do ceticismo (que anteriormente dominava a posição de filósofos, como Kant e Stuart Mill, que defendiam a impossibilidade de se estudar cientificamente a mente, argumentando que os processos psicológicos eram impróprios para manipulação experimental), para a confiança, de forma que, no período contemporâneo é possível constatar uma esperança e aceitação dominante para o entendimento da psicologia como ciência. Para Robinson (1985), essa mudança abrupta não significa que filósofos como Kant e Mill estavam equivocados em suas posições, mas sim que os psicólogos contemporâneos eliminaram os grandes problemas e as questões que antes impediam que a psicologia fosse considerada científica (questões em grande parte ontológicas, referentes à natureza do objeto de estudo), e abarcaram diferentes tipos de problemas referentes aos métodos das ciências desenvolvidas.

No mesmo contexto de discussão dos autores mencionados até o momento, encontra-se o filósofo da ciência Sigmund Koch, autor de grande relevância para o entendimento do *status* da psicologia no século XX. Koch viveu entre os anos de 1917 e 1996 e se dedicou por muito tempo ao estudo da disciplina psicológica. Graduou-se em filosofia e nessa época adquiriu interesse pela filosofia da ciência, dedicando-se ao estudo da psicologia, por ser o campo que, a partir de seu ponto de vista, mais necessitava ser analisado e esclarecido. Posteriormente, especializou-se em psicologia pela Universidade de Iowa, concentrando seus estudos no positivismo lógico e no behaviorismo. Com o tempo, sua visão sobre ambas as correntes tornou-se crítica e negativa. Entre seus principais trabalhos pode-se citar sua participação como editor de um grande estudo sobre a psicologia, que teve apoio da *American Psychology Association* (APA) e resultou na publicação de uma obra com seis volumes intitulada *Psychology: a study of a science* (1959-1963), além da edição realizada em conjunto com David Leary, do livro *A Century of Psychology as Science* (1985-1985). Koch possuía grande interesse em artes, teatro, literatura e música, o que marca sua afinidade com as humanidades. Em sua carreira acadêmica, foi professor na Universidade de Duke, na Universidade do Texas e na Universidade de Boston (Finkelman & Kessel, 1991).

Koch é conhecido por sua análise crítica sobre as teorias da psicologia; sua grande contribuição consiste na constatação da falha do campo psicológico ao tentar sustentar suas investigações e entendimentos através de metodologias governadas por regras. Inspirou-se em trabalhos de colegas próximos, artistas com conhecimentos voltados para sensibilidades humanísticas para chegar a suas conclusões, entre elas, o conceito de *patologia cognitiva*, que foi uma de suas grandes ideias, sendo de suma importância para compreender a forma como ele enxergava a psicologia e os argumentos por ele defendidos para dar um possível prognóstico para o campo (Leary, 2001). Koch desenvolveu tal conceito, segundo Leary (2001), por acreditar que havia uma falha histórica, a qual sustentava a investigação humana

apenas a partir de metodologias governadas por regras específicas. Em busca de corrigir a falha mencionada, Koch buscava uma reaproximação com a agência humana (ou seja, com conhecimento que diz respeito ao ser humano, construído pelo campo das humanidades), de forma a entender melhor a psicologia e contribuir para a articulação das áreas do conhecimento de forma geral (Leary, 2001).

É possível constatar que grande parte dos autores que citam o trabalho de Koch, o reconhecem através da transformação que propôs para o campo da psicologia, por ter compreendido a existência de limites cognitivos no que se refere ao enfrentamento de certos problemas presentes no campo, e por ter contribuído para uma mudança de um período, designado por ele como *Era da Teoria*, caracterizado pela dominação do behaviorismo e visões semelhantes para uma disciplina que passou a representar um conjunto de investigações plurais sobre o funcionamento humano. Entretanto, poucos autores conhecem o fato de que Koch entendia os esforços estéticos como centrais para a vida humana e que um de seus objetivos visava desenvolver abordagens investigativas a partir desses esforços (Franklin, 2001). Nesse sentido, ao desenvolver tais conceitos citados, como o de *patologia cognitiva*, promovendo mudanças no rumo da psicologia, da *Era da Teoria* em busca de uma psicologia mais significativa e coerente, Koch reconhece a fragmentação ou dispersão teórica presente no campo, utilizando-a como forma de sustentação para sua tese principal sobre o *status* da psicologia.

Tendo em vista as discussões apresentadas sobre o *status* da psicologia no contexto norte-americano do século XX e a relevância das contribuições de Koch para o desenvolvimento do campo, este estudo pretende analisar o *status* do campo de conhecimento psicológico a partir das ideias de Koch. De modo a alcançar o objetivo pretendido, esta dissertação se dividirá em três capítulos: No primeiro, serão analisados todos os levantamentos problemáticos que o autor faz sobre a constituição da psicologia, incluindo seu

processo de institucionalização e a produção teórica presente no período que ele designa como *Era da Teoria*. Tal análise partirá das implicações do problema que Koch considera existir no processo de institucionalização, caminhará para a contextualização da *Era da Teoria* e para a discussão dos conceitos que a ela são pertinentes (conceito de *patologia cognitiva*, *pensamento sem significado* e *pensamento significativo*). Já no segundo capítulo, será discutida a proposta de Koch em busca de uma redefinição do conhecimento e o papel da psicologia nessa redefinição, partindo inicialmente de uma contextualização sobre os andamentos da cultura acadêmica da época, para apontar a necessidade de uma reaproximação da psicologia com o campo das humanidades, de forma a contribuir para o processo de redefinição da cultura acadêmica e de seu próprio campo de saber. E, finalmente, no terceiro capítulo, a partir da articulação de todos os posicionamentos de Koch, discutidos nos dois primeiros capítulos, apresentaremos a concepção do autor acerca do *status* da psicologia.

A escolha deste percurso se justifica através da necessidade de analisar os conceitos principais por trás dos argumentos e da interpretação de Koch sobre as condições da psicologia. Para tanto, a investigação foi realizada a partir de uma análise de todas as suas publicações referentes à temática, sendo elas: as colocações do autor presentes na coleção *Psychology: A Study of a Science* (1959); o livro *Psychology in Human Context: Essays in Dissidence and Reconstruction* (1999), editado por Finkelman e Kessel, fruto do trabalho que Koch pretendia publicar como volume 7 da coleção anteriormente citada, o que seria um posfácio da mesma; e os seguintes artigos do autor publicados em periódicos: *Clark Hull* (1954); *Psychological science versus the science-humanism antinomy: Intimations of a significant science of man* (1961); *Psychology cannot be a coherent Science* (1969); *Reflections on the state of psychology* (1971); *Theory and Experiment in Psychology* (1973); *The nature and limits of psychological knowledge: lessons of a century qua "science"* (1981); *"Psychology" or the "Psychological Studies"* (1993).

A relevância deste estudo, em um nível mais específico, consiste no fato de que, ele permite um aprofundamento do entendimento de cada um dos conceitos e argumentos desenvolvidos por Koch que possibilitaram que chegasse à sua interpretação sobre o campo da psicologia e que pudesse contribuir para a busca de estudos mais frutíferos. Em um sentido mais amplo, esta dissertação viabiliza aos possíveis leitores reflexões e questionamentos importantes em torno da fundamentação e da cientificidade da disciplina, criando condições para uma compreensão mais ampla a respeito de seu *status*, de seu objeto, de seu método e de sua aplicabilidade. Sendo assim, proporciona ao meio acadêmico uma melhor compreensão de sua fundamentação, além de possibilitar implicações indiretas em sua prática, de forma a fazer com que os profissionais da área atuem a partir de um entendimento mais claro sobre os princípios, fundamentos e conceitos que definem o seu campo de atuação.

## **2. O PROBLEMA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA E DA ERA DA TEORIA**

Como já esclarecido na introdução, o objetivo desta dissertação consiste em analisar o *status* da psicologia na perspectiva de Sigmund Koch. Porém, como o próprio Koch (1959a) afirmou, compreender o *status* de uma determinada ciência é um grande desafio, uma vez que o campo científico é algo tão complexo que vai além de definições comuns e pontuais que muitas vezes a ele são atribuídas. O trabalho que Koch realizou durante a maior parte de sua carreira (1959a, 1959b, 1959c, 1959d, 1959e, 1961, 1964, 1969, 1971, 1973, 1981, 1993, 1999a, 1999b, 1999c, 1999d, 1999e, 1999f, 1999g, 1999h), consistiu em uma análise sobre o campo de conhecimento psicológico, em que foram constatados aspectos problemáticos tanto em relação à sua institucionalização, quanto à sua produção teórica no século XX, mais especificamente entre as décadas de 1930 e 1960. Tais problemas o levaram a pensar em novas possibilidades de entendimento acerca do *status* da psicologia e de construção de conhecimento dentro e fora do campo. Para que seja possível compreender o que Koch tem a dizer sobre o *status* e o papel da psicologia, é necessário que antes sejam abordadas as questões levantadas pelo autor sobre a mesma. Nesse sentido, este capítulo objetiva tratar o problema que Koch constata no processo de institucionalização da psicologia e seu diagnóstico em relação à disciplina no período que ele chama de *Era da Teoria*.

### **2.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA**

Como foi dito, um dos problemas constatados a partir das análises de Koch (1964, 1969, 1971, 1973, 1981) e abordado por ele de forma recorrente, está relacionado à institucionalização da disciplina psicológica. Em suas publicações mais antigas, Koch (1964,

1969, 1971) afirmou ser uma inadequação interpretar a psicologia como uma ciência ou disciplina coerente, independente e que se ocupa necessariamente do estudo empírico do ser humano. Defende que tal inadequação interpretativa decorreu da preocupação existente no século XIX em institucionalizar o conhecimento psicológico a qualquer custo, antes mesmo de lidar com seus problemas internos (falta de definição e coerência, ambiguidade e falta de método próprio). Em uma publicação posterior, Koch (1973) se posiciona de forma mais radical, ao afirmar que o campo da psicologia se declarou científico no final do século XIX de forma ilusória. Isso porque, para se declarar como científica nos mesmos termos da física e das ciências naturais, a psicologia assumiu a busca pelo conhecimento construído através do enfoque em procedimentos metodológicos importados dessas áreas, destacados pelo autor como “[...] predição, controle, generalidade nomotética, observação, mensuração, matematização, objetividade, fertilidade explanatória, rigor descritivo, precisão terminológica, univocalidade definicional, fidelidade indutiva, severidade dedutiva” (Koch, 1973, p. 691), mas não se preocupou com os problemas relacionados à definição de objeto e conteúdo a ser estudado para que depois pudesse desenvolver uma metodologia própria<sup>3</sup>.

Alguns anos depois, Koch (1981) publica um artigo bastante sintético sobre suas análises, seu diagnóstico e prognóstico para a psicologia, resumindo suas críticas em relação ao campo psicológico, inclusive no que se refere a esse aspecto. Argumenta que os cem anos que sucederam à institucionalização da psicologia foram marcados pela tentativa dos teóricos em estabelecer um *status* independente e científico do conhecimento psicológico. Entretanto, no que diz respeito a primeira característica citada, sabe-se que os estudos de caráter psicológico se originaram na filosofia, logo, segundo os argumentos de Koch (1981) a psicologia não apenas se fundamenta e compartilha de pressupostos da filosofia a todo

---

<sup>3</sup> Quando Koch afirma que o campo de estudos psicológicos importa ou simula métodos utilizados no campo das ciências naturais, devendo buscar metodologias próprias para seus estudos, é possível inferir que ele está considerando os termos método e metodologia em um sentido mais geral, referentes à metodologia de uma teoria ou área do conhecimento.

momento, mas também necessita com frequência da filosofia da ciência (ou até mesmo da filosofia propriamente dita) para tratar aspectos relacionados à definição, conceitos, métodos, e construção de teorias. Mesmo os estudos empíricos na psicologia estão necessariamente conectados com a filosofia, na medida em que os procedimentos de uma pesquisa (discriminação de variáveis, elaboração de problema de pesquisa, escolha ou criação de um método e projeção de uma teoria) demandam que se parta de pressupostos filosóficos. Assim, na perspectiva de Koch (1981), é incompatível afirmar que a psicologia é independente da filosofia, pois carece das reflexões filosóficas para definir questões importantes dentro do seu campo de investigação. Koch (1981) também destaca a contribuição oriunda de outras áreas do conhecimento, como a física, a matemática, as ciências biológicas, a medicina, os estudos sociais, as humanidades não filosóficas e a experiência humana ordinária.

No que diz respeito ao rótulo de ciência da psicologia, Koch (1981) questiona como pode ser possível, desde sua institucionalização, a insistência em considerar tal campo científico de forma integral e coesa quando na realidade ele se apresenta de forma tão ambígua, caótica e multifacetada como a psicologia se apresenta. E, junto a essa questão, embora a psicologia possua acumulação de uma literatura técnica vasta, contendo muitas demonstrações de leis, nenhuma dessas demonstrações pode ser considerada, de fato, uma lei, mesmo simulando critérios das ciências naturais, como os teóricos da psicologia fizeram.

De forma resumida, o que Koch (1964, 1969, 1971, 1973, 1981) está apontando em suas publicações em relação ao problema da institucionalização da psicologia, é que, existe um ganho em estabelecer tal legitimação do campo, tendo em vista sua inserção em universidades, a existência de departamentos, laboratórios, revistas e jornais especializados e organização profissional. Porém, é necessário compreender que muitos problemas existentes no campo merecem reflexão e discussão, de forma que, não devem ser ignorados, assim como a relação entre a psicologia e as outras áreas de conhecimento das quais se originou não deve

ser negligenciada, na tentativa de estabelecer um *status* de independência e cientificidade integral para a psicologia.

O que não fica claro nos apontamentos de Koch (1964, 1969, 1971, 1981) sobre a institucionalização do conhecimento psicológico é o que de fato o autor está chamando de independência do campo, uma vez que é possível que uma disciplina seja considerada independente e que, ao mesmo tempo, mantenha um diálogo com outras áreas. Logo, ao analisar essas publicações do autor, não é possível constatar se ele está defendendo que os estudos relacionados a aspectos psicológicos na verdade deveriam continuar existindo como subáreas dentro de suas áreas correspondentes, como antes da institucionalização, ou se ele defende que tais estudos são independentes das outras áreas de conhecimento, mas devem explorar suas relações com as mesmas<sup>4</sup>.

## 2.2 A ERA DA TEORIA (1930-1960)

Outro problema constatado por Koch, (1959a, 1959b, 1959c, 1959e, 1964, 1969, 1971, 1973, 1981, 1999a, 1999b, 1999c, 1999e, 1999g, 1999i), que aparece em todas suas publicações tomadas como referência na presente dissertação, mas principalmente nas que foram citadas neste parágrafo, e que emerge a partir de suas análises é relativo ao período que ele chama de *Era da Teoria*, que corresponde aproximadamente aos anos entre as décadas de 1930 e 1960. A designação atribuída pelo autor a esse período decorre do tipo de conhecimento que, segundo ele, era produzido pela psicologia do contexto norte-americano, pautado em um novo modelo de ciência que se fundamentava em uma fusão das ideias do

---

<sup>4</sup> No último capítulo será possível compreender melhor o porquê de essa questão permanecer em aberto, uma vez que quando o autor explica, de fato, sua visão sobre o *status* da disciplina psicológica sua posição a respeito das relações com outras áreas permanece confusa.

positivismo lógico, operacionismo e neopragmatismo<sup>5</sup> (Koch, 1964, 1971, 1973, 1981, 1999c). Para Koch (1964, 1973, 1999c), essa fusão é complexa e desigual, uma vez que sua base principal era dada pelo positivismo lógico, e decorre de consonâncias objetivas entre tais correntes e interações empáticas entre seus detentores.

Koch (1999c) destaca alguns aspectos problemáticos que decorrem dessa fusão. Em primeiro lugar, é necessário que fique claro, que suas críticas não são dirigidas a cada uma dessas correntes, especificamente falando, mas sim à apreensão das mesmas dentro do campo da psicologia, de forma que os problemas levantados se referem às ideias sobre o positivismo lógico, o operacionismo e o neopragmatismo presentes na literatura acadêmica da psicologia<sup>6</sup>. Em segundo lugar, o autor problematiza a forma como se deu a fusão dessas três correntes na psicologia. Em sua perspectiva, tal mistura emergiu aproximadamente no início da *Era da Teoria* através da busca por uma forma de objetividade não apenas no nível empírico, mas

---

<sup>5</sup> Koch entende que a partir da década de 1930 o campo da psicologia busca se adequar em um modelo filosófico de ciência fundamento nessas três correntes. O Positivismo lógico é uma perspectiva filosófica que se originou no contexto germânico durante a década de 1920, defendendo uma visão científica natural de mundo. Essa proposta possuía como princípio fundamental o pressuposto de que todas as afirmações são analíticas (parte da lógica), verificáveis através de observação (parte da ciência), ou sem sentido (parte da metafísica). Nesse sentido, a partir do desenvolvimento da lógica e do princípio de verificação, o positivismo lógico considerou a metafísica um campo sem sentido, de forma que, na perspectiva dessa corrente, o que permaneceu da filosofia foi a análise lógica da ciência e de seus conceitos (Smith, 1986). O operacionismo, por sua vez, segundo o verbete do termo presente no dicionário de filosofia de Abbagnano (2011), consiste em uma proposta que surge através do físico Bridgman, em que, o significado de um conceito científico parte unicamente de um conjunto de operações. O neopragmatismo é um projeto filosófico que emergiu a partir de uma perspectiva crítica e de abandono à forma tradicional de reflexão filosófica que envolve considerações metafísicas, buscando substituí-la através da construção de um novo projeto filosófico ou uma nova cultura intelectual. A ideia desse projeto consistia em uma maneira de levar às últimas consequências os esforços iluministas, buscando referência nos pragmatistas norte-americanos clássicos, como William James e John Dewey, além de nomes da filosofia europeia como Nietzsche, Wittgenstein e Heidegger (Ferraz, 2014).

<sup>6</sup> Os primeiros artigos que sinalizaram a emergência dessa fusão na literatura psicológica, segundo Koch (1999i), tratavam da *definição operacional*, e foram escritos por S. S. Stevens (1935a, 1935b, 1939 citado em Koch 1999i) e E. G. Boring (1936 citado em Koch 1999i), ambos tiveram contato com as ideias de Bridgman através de Herbert Feigl. Koch (1999i) destaca outros nomes na psicologia como E. C. Tolman (1935, 1936 citado em Koch 1999i), Carrol Pratt (1939 citado em Koch 1999i), A. G. Bills (1938 citado em Koch 1999i), J. R. Kantor (1938 citado em Koch 1999i) e Kenneth Spence (1941, 1944 citado em Koch 1999i) que apresentaram também este modelo de ciência como possível caminho para a produção psicológica. As principais referências utilizadas na literatura do campo da psicologia sobre a nova concepção de ciência eram os positivistas lógicos Hebert Feigl, Gustav Bergmann e Carl Hempel. Tais referências influenciaram não apenas a participação do positivismo lógico nessa fusão, mas também a participação do operacionismo, uma vez que os psicólogos da época compreenderam Bridgman especialmente através de leituras do positivismo lógico (Koch, 1999i). Nas passagens que Koch (1959a, 1959b, 1959c, 1959e, 1964, 1969, 1971, 1973, 1981, 1999a, 1999b, 1999c, 1999e, 1999g, 1999i) menciona a fusão entre as correntes do positivismo lógico, operacionismo e neopragmatismo, não fica clara a participação do neopragmatismo e nem a qual autor Koch se refere ao evocar tal corrente, uma vez que apenas faz menção, mas nada discute sobre.

também no nível teórico. Dessa forma segundo Koch (1959e, 1999c), a psicologia focou nas primeiras formulações do *critério operacional* de significado de Bridgman, que possibilitava definições de conceitos científicos através de um conjunto de operações oriundas de experimentos e observações, acreditando que dessa forma seria possível estabelecer uma relação mais direta entre experimento e teoria. Além disso, buscou, através do positivismo lógico, uma reconstrução racional estabelecida através de uma organização hierárquica de todos os elementos da linguagem presente nas formulações teóricas, e da ligação de cada um deles com as variáveis independentes antecedentes e dependentes consequentes. A participação do neopragmatismo é apenas mencionada por Koch (1964, 1971, 1973, 1981, 1999c), de forma que não explica como se deu tal influência e nem o papel dessa corrente na fusão. Na visão de Koch (1959e, 1999e) os pesquisadores do campo psicológico fizeram uma leitura inadequada, e poderiam ser mais exitosos se tivessem feito uma leitura focando nas propostas de Schlick, ou da fase do meio da obra de Carnap, ou do neopragmatista C. I. Lewis, ou, em quaisquer outros critérios que tivessem uma proposta semelhante à de Bridgman, o que não foi o caso. Nesse sentido, a ideia da definição operacional se difundiu rapidamente junto com o positivismo lógico, criando assim uma fusão entre recortes do operacionismo, do positivismo lógico e do neopragmatismo de maneira arbitrária.

Além do aspecto problemático inerente a fusão dessas três correntes dentro da psicologia, para Koch (1964, 1971, 1973) esse tipo de modelo gerava uma produção de conhecimento inconsistente, determinada acidentalmente e sem embasamento em fontes relevantes, o que resultou no desenvolvimento do método denominado hipotético-dedutivo como principal utilização nas investigações psicológicas. Tal método<sup>7</sup> se compunha através de um conjunto de regras ou de um planejamento a ser seguido (*procedimento de decisão*), de maneira controlada e sistemática. Porém, na perspectiva do autor, a psicologia, na verdade,

---

<sup>7</sup> Aqui, o termo método também se refere a uma ideia mais geral, por se tratar de um método de um modelo científico.

deveria criar métodos próprios, compatíveis com o assunto a ser estudado (Koch, 1964). Em outras palavras, Koch (1964, 1971, 1973, 1981, 1999a, 1999b, 1999c, 1999e, 1999g) entende que havia uma tendência presente no campo nesse período em que buscava-se uma psicologia científica por meio de um empreendimento cumulativo e compartilhado de descobertas do campo de conhecimento, no mesmo sentido que frequentemente acreditava-se ocorrer no âmbito das ciências naturais. Ao caracterizar esse período, Koch (1964) afirma:

Em sua busca por esses fins, a psicologia não foi diretamente à física, mas, ao invés disso, recorreu a intermediários para as suas orientações. Estes foram, em maior parte, filósofos da ciência (especialmente positivistas lógicos) e alguns metodologistas da ciência física que vinham codificando uma visão sinóptica da natureza da ciência, e que, no início dos anos trinta, estavam ativamente exportando essa visão de suas especialidades para a comunidade acadêmica de forma geral. A visão era baseada em uma ‘reconstrução racional’ de umas poucas formulações selecionadas da física teórica e propôs um modelo detalhado do empreendimento científico que veio a ser conhecido como o “método hipotético dedutivo” (pp. 10).

O grande problema dessa nova visão de ciência no campo psicológico consiste no fato de que a psicologia tenta tomar para si uma aparente autoridade através dessas ideias, porém, ao utilizá-las, não é capaz de contemplar seu conteúdo (Koch, 1964). A literatura metodológica presente nessas áreas que a psicologia utiliza como fonte é prescritiva e zelosa, porém, limitada a problemas de sua própria área; já a literatura escrita por psicólogos é marcada por instruções modestas de sofisticação filosófica. Nesse sentido, Koch (1969, 1971) critica essa tendência, argumentando que ao invés de as correntes psicológicas tomarem para si métodos de outras áreas, nesse caso, das ciências naturais, elas deveriam desenvolver seus próprios métodos. Para o autor a *Era da Teoria* está relacionada a uma característica da época, que ele chama de idolatria pela ciência, a qual promove a construção de um falso

conhecimento, já que se refere ao modelo inconsistente e arbitrário de ciência abordado alhures (Koch, 1969, 1971). Sobre a *Era da Teoria* Koch afirma:

[...] foi marcado por um sentimento geral de que a psicologia tinha finalmente chegado à fase de ciência progressiva. A “teoria” tendia a ser concebida como uma comodidade, a produção da qual poderia ser programada ao educar a força de trabalho nos ditames presuntivos da “nova visão” de ciência. Publicações teóricas na psicologia tendiam cada vez mais a dividir a preocupação entre traduzir a nova visão em estipulações dos objetivos de “teoria sólida” para a psicologia e a apresentação das formulações que pretendiam aproximar tais objetivos (Koch, 1964, 11-12).

Essas características se tornam melhor compreendidas quando se entende o conceito de *patologia cognitiva* desenvolvido pelo autor, que será tratado na seção seguinte. Também serão discutidos os desdobramentos desse conceito.

### **2.2.1 *Patologia Cognitiva, Pensamento sem significado e Pensamento significativo: Uma discussão conceitual***

O conceito de *patologia cognitiva* consiste, segundo Koch (1981, 1999a, 1999e), em uma *síndrome* que afeta diversas áreas do conhecimento, principalmente a psicologia, implicando na negligência dos *produtos cognitivos* – métodos, dados, descobertas, conceitos e teorias – em prol do enfoque em aspectos gerais do processo de produção de conhecimentos. Em outras palavras, pode-se afirmar que esse tipo de conhecimento consiste em um saber aparentemente válido e alcançado através de um *estudo positivo*, que deixa de lado elementos importantes para uma investigação psicológica, como a essência e as características do objeto de estudo, bem como a sensibilidade e a preocupação com o alcance do objeto em sua plenitude (Koch, 1971).

A ideia do conceito apresentado emerge, nos trabalhos de Koch (1969, 1971, 1981, 1999a, 1999e), por meio da discussão anteriormente apresentada nesse capítulo. A partir da leitura que o autor faz sobre a conjuntura do conhecimento psicológico, no período que ele chama de *Era da Teoria* (1930-1960), surge o entendimento de uma tendência, caracterizada como uma síndrome, por comprometer a produção do conhecimento ao utilizar um método importado de outras áreas de forma inadequada, na maior parte das vezes (Koch, 1969, 1971, 1981, 1999a, 1999e). Dessa forma, a síndrome da *patologia cognitiva* privilegia a realização de investigações que sigam a fórmula metodológica referente ao modelo de ciência dominante na psicologia em seu contexto.

A visão de Koch (1961,1981) sobre a produção de conhecimento, porém, não se restringe a apenas o modelo de ciência que ele afirma estar presente na *Era da Teoria*. Para ele, existem outras formas de investigação que devem ser levadas em consideração, como, por exemplo, as utilizadas dentro do campo das humanidades, que partem de uma perspectiva mais flexível, sensível e preocupada com aspectos mais subjetivos e profundos do ser humano (o que, segundo o autor, se observa na estética, na arte, na literatura, na música, entre outras disciplinas relacionadas à construção do homem). A ciência, como uma forma bastante complexa de construção de conhecimento, cujo principal agente é o ser humano, não pode ser reduzida a apenas uma maneira de investigação (Koch, 1959a).

Koch (1981) aposta que a tendência à produção do *conhecimento patológico* também está relacionada à dificuldade do ser humano em lidar com as limitações existentes na obtenção do conhecimento<sup>8</sup>. Para ele, muitas vezes “[...] indivíduos capazes e comprometidos

---

<sup>8</sup> Está se referindo ao conceito de antinomias kantianas, que, segundo Koch, em alguma medida, implica na tendência de realização de estudos patologicamente cognitivos. O conceito de antinomias consiste uma classe de questões ou problemas sem solução, que transcendem a capacidade racional humana. A impossibilidade de solução das antinomias decorre do fato de que, ao confrontá-las, constata-se que é possível esgotar argumentos para defender as duas posições ao mesmo tempo, mesmo que extremas, ou seja, é possível encontrar justificativas que levam a se posicionar de uma determinada maneira, e, ao mesmo tempo, é possível encontrar outras justificativas, de um mesmo nível de relevância, que levam a defender o oposto. Nesse sentido, Koch acredita que a ideia de *patologia cognitiva*, está relacionada ao conceito de antinomias, uma vez que a incapacidade cognitiva em resolver definitivamente algumas questões existentes na psicologia, que em sua visão,

à investigação, tendem quase obsessivamente a comprometer os objetivos da mesma. É como se a incerteza, a contestabilidade, a ambiguidade e a finitude cognitiva fossem as mais insuportáveis das angústias existenciais” (Koch, 1981, p. 78). Nesse sentido, Koch (1981) afirma que mesmo os pesquisadores mais comprometidos muitas vezes se deixam levar por essa tendência, uma vez que parecem mais impelidos a buscar o conhecimento aparentemente seguro do que o ganho de qualquer conhecimento significativo que possa estar em seu alcance.

Salienta-se, contudo, que Koch (1999e) não deslegitima o uso desse tipo de método, apenas defende que existem ocasiões em que o objeto ou o estudo permite que ele seja utilizado, se bem que haja ocasiões em que sua utilização não tem sentido, mas, ainda assim, ocorre. Nas palavras do autor:

Ora, eu não quero que me interpretem como se tivesse dito que o método, por si só – mesmo um formado antecipadamente ao seu local de aplicação - é algo ruim ou negativo. A capacidade do homem de avaliar sua própria ação investigativa, de formar generalizações sobre o valor e integridade da mesma, a eficácia de suas relações para os fins que ele tem em vista, é uma de suas capacidades mais inspiradoras e ferramentas cognitivas poderosas. O pensamento metódico pode naturalmente ser tanto significativo quanto sem significado. E a aplicação de método à ação investigativa de primeira ordem pode ser tanto significativa quanto sem significado. O que é realmente triste, entretanto, é que existem circunstâncias nas quais um método significativo pode ser aplicado de forma sem significado. E certamente, se a história de investigação for tomada como base, qualquer dependência rígida e invariável em relação ao método, por mais significativa que seja em primeira instância relativa à localização da “descoberta”, pode deixar o investigador em apuros / dificuldades (Koch, 1999e, pp. 243-244) .

---

podem ser entendidas como antinomias, gera uma angústia muito grande nos pesquisadores, de forma que a tendência é que procurem formas de construir conhecimento mais precisas possíveis, mesmo que sem sentido (Koch, 1981).

Assim, a forma ideal de fazer ciência ou de produzir qualquer tipo de conhecimento é enxergando regras e modelos metodológicos como guias, através dos quais a ação humana é disposta, e não como prescrições ou comandos (Koch, 1999e). Dependendo da forma como a ação humana se dispõe, às vezes torna-se necessário até mesmo adaptar modelos ou buscar outros.

A partir disso, Koch (1971, 1981, 1999e) desenvolve outros dois conceitos como desdobramentos da ideia de *patologia cognitiva*, sendo eles: *pensamento sem significado* e *pensamento significativo*. Pode-se dizer que a definição do *pensamento sem significado*, segundo os argumentos de Koch (1971, 1981, 1999e), se aproxima, se sobrepõe e se complementa com tudo o que foi falado sobre o conceito de *patologia cognitiva*. Consiste na noção de que o conhecimento é o resultado de um processo, no sentido de haver uma preocupação maior com a condução da pesquisa, como se a metodologia utilizada para se chegar ao conhecimento funcionasse como um truque, como algo infalível que possibilitaria um resultado quase automático. Essa excessiva atenção ao planejamento metodológico e negligência aos aspectos essenciais do objeto de estudo, caracteriza uma tendência de *antontologismo* e *método-fetichismo*, presentes na forma de investigação pautada no *pensamento sem significado*<sup>9</sup>.

O *pensamento sem significado*, portanto, implica no afastamento do pesquisador de seu objeto de estudo; na crença de que dessa forma é possível dominá-lo mantendo o controle sobre o mesmo (Koch, 1999e). O autor, no entanto, defende que, na verdade, o pesquisador deveria preocupar-se em compreender seu objeto e, portanto, deveria *abraçá-lo* e se manter mais próximo do mesmo. Koch (1999) afirma ainda, no que diz respeito ao *pensamento sem significado*, que o pesquisador busca o alcance do conhecimento do objeto através de um processo generalista, que pode não apreender de fato tal conhecimento. Em outras palavras:

---

<sup>9</sup> Principal exemplificação de *pensamento sem significado* na *Era da Teoria* está nos estudos de Clarck Hull, que será tratada na próxima seção deste capítulo.

Os objetos do conhecimento tornam-se caricaturas, senão impessoais, e assim perdem a realidade. O mundo, qualquer parte dele não é sentido plenamente ou passional, e é percebido como desprovido de valor objetivo. O *pensamento sem significado* tende a apoiar-se em muletas: regras, códigos, prescrições, métodos rígidos. Em formas extremas, torna-se obsessivo e mágico. A tendência do *pensamento sem significado* de registrar seu objeto como impessoal, indiferenciado psicologicamente distante – por assim dizer, ser cognitivamente anestésico face a face ao seu objeto – eu chamo de “a-ontologismo” (se me permite o termo). Sua tendência a subordinar a análise autêntica e contextualmente governada, a descoberta ou a invenção autêntica à aplicação cega de um método extrínseco, eu chamo de “método-fetichismo”. De fato, o a-ontologismo e o método-fetichismo podem ser considerados marcas definitivas do pensamento sem significado. (Koch, 1981, p. 259-260).

Os dois aspectos do *pensamento sem significado* que possuem maior enfoque a partir das ideias de Koch (1999e) são o *a-ontologismo* e o *método-fetichismo*. O *a-ontologismo* se refere à forma como o objeto de estudo é apreendido de modo impessoal e indiferenciado, sendo muitas vezes desconsiderado seu caráter ou suas principais características. Nesse sentido, o objeto é percebido longe de sua realidade, de forma que entra a ideia de *método-fetichismo*, através de regras, códigos e prescrições, acreditando que assim é possível alcançar o conhecimento sobre o objeto de forma sistemática, regular, racional e irrefutável.

Em oposição ao conceito de *pensamento sem significado*, Koch (1971, 1981, 1999e) introduz a ideia de *pensamento significativo*<sup>10</sup>, que é a atividade de busca de conhecimento conforme o modelo de investigação defendido por ele. No *pensamento significativo* preocupa-

<sup>10</sup> No desenvolvimento do conceito, Koch (1999) afirma que outros autores já haviam apresentado a ideia do *pensamento significativo*, porém de outras formas e não representada por esse termo. Ao definir o conceito, faz referência a autores como Wertheimer (1945), que enfatizou a determinação de solução através de propriedades estruturais percebidas no problema em sua análise do conceito de *productive thinking*, e explorou provisoriamente as possibilidades de formulação do movimento do pensamento produtivo em termos de certas tendências de organização da Gestalt; Köhler (1938), que reconheceu tais fenômenos e considerou-os em termos de sua análise do conceito de *requiredness*; e Polanyi (1958), que fala sobre o conceito de *indwelling* no entendimento nos objetos de investigação.

se mais em ter uma percepção espontânea do objeto, envolvendo sua essência, suas particularidades, suas sutilezas e os problemas que possam estar a ele relacionados.

Pode-se dizer que o *pensamento significativo*, de certa forma, é primitivo, sincero e claro, no sentido de perceber o objeto de forma direta, nas condições reais em que ele se encontra, possuindo um característico senso ontológico. Dessa forma, esse tipo de pensamento entende os fenômenos estudados como fatos existentes de forma a se preocupar com seu *status* ontológico (Koch, 1999e). Além disso, pensar de forma significativa implica perceber os objetos como entidades de valor ou, em outras palavras, como tendo *propriedades de valores* concretas e diferenciadas, pois elas mesmas são partes objetivas e inegáveis do mundo.

Ainda segundo Koch (1971; 1981, 1999e), o *pensamento significativo* é o maior alcance de pensamento de um indivíduo. Embora sua ocorrência seja rara, ele pode ser obtido por meio da aprendizagem. Esses episódios acontecem apenas a partir de especiais condições biológicas e neurais de um organismo, de forma que alguns indivíduos possuem controle para acessá-lo. Em termos populacionais, a incidência do *pensamento significativo* depende da cultura e da época em que a população está inserida. A passagem abaixo sintetiza a concepção de Koch acerca do assunto:

O pensamento significativo envolve uma percepção direta das relações desveladas e vívidas que parecem originarem-se de características essenciais, particularidades, de objetos do pensamento, as situações-problema que formam as ocasiões do pensamento. Há uma determinação orgânica da forma e da substância do pensamento pelas propriedades do objeto e pelos termos do problema. No pensamento significativo, a mente acaricia, flui alegremente para dentro, por cima, em volta da matriz relacional definida pelo problema, o objeto. Há uma fusão da pessoa com o objeto ou problema. Apenas existe o problema ou objeto, seus termos e relações. E

estes são reais em sua maneira mais completa, vívida, elétrica e inegável (Koch, 1981, p.260).

Em relação a essa discussão, um dos principais argumentos de Koch (1981, 1999e) é que para qualquer população, a incidência do *pensamento significativo* ou *do pensamento sem significado* será determinada por uma série de valores existentes na população em questão, que estão embutidos em ideologias ou razões e permeiam todas as instituições e agências que possuem influência intelectual ou acadêmica. Na avaliação de Koch (1971), no contexto do final do século XIX e durante o século XX há uma forte incidência do *pensamento sem significado*, ironicamente no momento em que surgem a psicologia e as ciências sociais. Nesse sentido, ele entende que esse tipo de conhecimento predomina na história recente das humanidades e da ciência, especialmente das ciências sociais e da psicologia, onde se apresenta em sua forma mais rica e pura. A partir dessa discussão conceitual e tendo em vista nosso interesse na compreensão do *status* da disciplina psicológica, a próxima seção apresentará a implicação dos conceitos trabalhados aqui dentro da psicologia do século XX através do exemplo precursor da corrente neobehaviorista.

### 2.3 A TEORIA HULLIANA: UM EXEMPLO DA ERA DA TEORIA

O behaviorismo como abordagem psicológica é o principal exemplo citado por Koch (1954, 1959b, 1964, 1973, 1999e, 1999g) sobre os problemas que estão presentes no campo da psicologia, uma vez que tenta fazer da mesma uma ciência integral, independente e coerente, tomando para si métodos oriundos das ciências naturais na busca por objetividade e precisão. Entretanto, para evitar interpretações equivocadas sobre Koch, vale ressaltar que o autor não direcionava suas críticas apenas para as teorias behavioristas, ele afirmava que a maior parte dos teóricos da psicologia se esquivava do tratamento de problemas criativos-

metódicos imprescindíveis para um desenvolvimento efetivo do campo. Além do behaviorismo, outra corrente que se tornou alvo das problematizações de Koch (1999f), foi a psicologia humanista. Em sua leitura, a psicologia humanista se constituiu como um campo caracterizado por misturas ecléticas que incluíam “uma variedade de interpretações perdidas da filosofia existencial, mas também de terapia centrada no cliente, psicodrama, treinamento sensitivo, terapia de dança, gestalt terapia e métodos de relaxamento” (Koch, 1999f, pp. 315). Para ele, o movimento humanista presente na psicologia reduziu, distorceu, evitou e vulgarizou a realidade humana. Apesar de Koch (1999f) criticar de forma bastante árdua o humanismo, para os fins da presente dissertação, apresentaremos apenas um exemplo relativo à sua discussão presente na proposta hulliana<sup>11</sup>, uma vez que segundo o próprio autor (1954, 1964, 1973, 1999g), é a que melhor caracteriza a *Era da Teoria*.

Koch (1954, 1964, 1973, 1999g) entende a teoria do comportamento de Hull como fundadora do período neobehaviorista, que consiste em uma tentativa alternativa ao behaviorismo clássico de estabelecer uma psicologia que escape de estudos subjetivos. Na visão de Koch (1999g), a estratégia do behaviorismo clássico resultou em descobertas isoladas e particulares, despertando pouco interesse dos psicólogos. Além disso, as discussões de cunho conceitual e empírico presentes no campo psicológico permaneceram estáticas, ou seja, o behaviorismo clássico não forneceu solução para as mesmas, o que o torna apenas mais uma escola dentre tantas outras que não conseguiu resolver seus conflitos e polêmicas internas. Diante dessa situação, Koch afirma que (1999g) Hull, como precursor do

---

<sup>11</sup> Como o objetivo deste trabalho não é aprofundar sistematicamente nas críticas de Koch em relação à produção de conhecimento psicológico no período da *Era da Teoria*, apenas apresentá-las como ponto de partida para a compreensão da visão do autor sobre o *status* da psicologia, escolhemos apenas um exemplo presente na teoria hulliana fornecido pelo autor para ilustrar suas ideias. Essa escolha se justifica pelo fato de que é possível perceber nos estudos de Koch uma dedicação maior para discutir as questões que concernem a essa perspectiva, uma vez que o próprio autor afirma que a teoria do comportamento de Clark Hull é um protótipo do que ele chama de *Era da Teoria*, pelo fato de apresentar todos os problemas pertinentes a esse período, e, principalmente, pelo fato de Hull ser o teórico que introduziu o período neobehaviorista, defendendo a utilização do método hipotético-dedutivo (Koch, 1964, 1973). Além disso, constata-se a existência de um maior número de publicações dedicadas a tratar dos problemas da abordagem hulliana (Koch, 1954, 1973, 1999g) em contraste com as publicações que se destinam a tratar dos problemas de outros teóricos.

neobehaviorismo, apostou que através da simulação de métodos teóricos das ciências naturais seria possível estabelecer um *procedimento de decisão*<sup>12</sup> que garantiria a objetividade do conhecimento não apenas no nível metodológico, mas também teórico.

Se olharmos diretamente para uma das principais publicações de Hull (1943), constatamos que, em sua perspectiva, as características essenciais da ciência se constituem a partir de seus aspectos empírico e explanatório, ou seja, a atividade científica depende da realização de observações que constituem o componente empírico ou factual, e a tentativa sistemática de explicar esses fatos constituindo o componente teórico. Indo um pouco além, a visão de Hull (1943) sobre o que é uma teoria científica é definida a partir de “uma derivação dedutiva e sistemática de princípios secundários de fenômenos observáveis a partir de um número relativamente pequeno de princípios primários ou postulados, [...] como uma hierarquia lógica, de poucas definições originais e princípios primários chamados de axiomas.” (Hull, 1943, pp.2). Nesse sentido, Hull (1943) concebe que na ciência, um evento observado é considerado explicado quando a proposição expressa foi logicamente derivada de um conjunto de definições e postulados acoplados com certas condições observadas antecedentes ao evento.

Nesses termos, a perspectiva hulliana conserva as orientações do behaviorismo clássico, mas apresenta maior intensidade em sua busca por objetividade, ou seja, “pode ser vista como um casamento entre as atitudes orientadas do behaviorismo clássico e uma interpretação do ‘novo’ modelo de ciência” (Koch, 1964, pp.12). Nesse sentido, o que Koch (1964) está querendo afirmar é que a estratégia de Hull, que culminou no surgimento das teorias neobehavioristas, foi de traduzir as atitudes orientadas do período clássico do behaviorismo para o novo modelo de ciência utilizando o método hipotético-dedutivo,

---

<sup>12</sup> Acreditava-se que ao se estabelecer um *procedimento de decisão* a psicologia conseguiria produzir um conhecimento objetivo e conseqüentemente obteria um avanço cumulativo e confiável.

fundamentado no positivismo lógico, operacionismo e neopragmatismo, que, como apontado anteriormente, se constitui através de uma fusão confusa dessas três correntes<sup>13</sup>.

O objetivo central da perspectiva de Hull e das abordagens neobehavioristas era relacionar todos os elementos da teoria aos seus respectivos fundamentos, presentes em um sistema de linguagem, buscando uma correspondência de propriedades lógicas nas formulações psicológicas a partir do modelo da física (Koch, 1964,1973, 1999e, 1999g). Nas palavras do autor:

A ideia era garantir que todos os elementos de uma linguagem de sistema fossem “firmemente ancorados” por conexões explícitas a variáveis independentes antecedentes e dependentes consequentes e, em geral, efetuar uma correspondência ponto por ponto das propriedades lógicas de formulações sistemáticas da psicologia com aquelas do modelo de simulação tradicional da psicologia, a física (Koch, 1964, pp. 10).

Uma das propostas mais chamativas da perspectiva de Hull, segundo Koch (1999g), consistiu na tentativa de estabelecer uma ligação significativa entre experimento e teoria, embora, na visão de Koch (1999g), a pior forma de olhar para esse aspecto no campo da psicologia é a partir da perspectiva de Hull. De acordo com Hull, o experimento deve estar relacionado à teoria tanto de forma indutiva quanto dedutiva através de um esquema denominado como *paradigma da variável interveniente*<sup>14</sup> (Koch, 1959e, 1964, 1999g).

---

<sup>13</sup> Smith (1986) aponta que nas considerações de Koch, o contorno dominante do novo modelo de ciência parte do positivismo lógico, e que os psicólogos, na década de 1930, principalmente os neobehavioristas, fazem uso desse modelo de forma inapropriada, uma vez que a psicologia necessitava desenvolver uma epistemologia nativa ao invés de lançar mão de uma metodologia importada. Para Smith (1986), Koch partia do princípio de extinção do positivismo lógico, como movimento e como concepção de ciência, o que implicaria na extinção do behaviorismo como uma abordagem viável da psicologia. Além disso, na mesma linha de raciocínio, na interpretação de Koch, não era necessário que houvesse uma última refutação para considerar que o behaviorismo estava equivocado, uma vez que não era viável à psicologia em muitos aspectos (Smith, 1986).

<sup>14</sup> O termo *variável interveniente* foi introduzido por E. C. Tolman no início dos anos de 1930. Consiste em um conjunto de fatores inferidos e não observados que intervêm entre estímulo (variáveis independentes ou condições antecedentes) e resposta (variáveis dependentes). Hull adaptou o paradigma da variável interveniente a partir de seus próprios objetivos. Sua teoria inteira foi projetada como uma cadeia complexa de variáveis intervenientes inferidas, ligadas a um conjunto de variáveis independentes representando as condições

No que diz respeito ao conceito de *variável interveniente*, Hull (1943), afirma que assim como nas ciências físicas, existem conceitos na ciência do comportamento que não são diretamente observáveis, mas que os cientistas utilizam construções lógicas para inferi-los (exemplos no campo da física: elétrons e prótons), e esses conceitos são representados pelas *variáveis intervenientes*. Koch (1999g) afirma que as *variáveis intervenientes*, no âmbito da teoria de Hull, deveriam necessariamente estar ancoradas nas condições observáveis e passíveis de mensuração (ou seja, nas variáveis independentes e dependentes). Isso porque as variáveis intervenientes são inferidas a partir dessas mesmas condições observáveis. Nesse sentido, Hull sugeria a necessidade de uma insistência inflexível e implacável de que todas as deduções ocorressem de acordo com as regras formuladas indicando relações funcionais de A (variável independente) a X (variável interveniente) e X a B (variável dependente). Tomando como base esse aspecto da perspectiva de Hull, é possível constatar que sua base não consiste apenas em um *procedimento de decisão* teórica, mas também em um *procedimento de construção* teórica (Koch, 1999g).

Em relação ao *paradigma da variável interveniente*, Koch (1964) afirma que é a melhor simbolização da “intersecção entre os autismos da ‘Era da Teoria’ e a ‘nova visão’ de ciência” (pp. 15). Tal paradigma aparentemente oferecia objetividade a nível teórico, na medida em que parecia fornecer sustentação de conceitos teóricos através de relações funcionais explícitas de antecedentes e consequentes observáveis, atendendo assim ao anseio da *Era da Teoria* por um *procedimento de decisão* teórico. Entretanto, há uma inadequação grave presente na formulação deste paradigma, que Koch (1999g) demonstra a partir da distinção entre variáveis sistemáticas e variáveis empíricas<sup>15</sup>. O projeto de Hull tende a definir

---

antecedentes do comportamento e a quatro medidas de respostas que servem como variáveis dependentes sistemáticas (Koch, 1999g).

<sup>15</sup> As variáveis sistemáticas, nas palavras de Koch (1999g), “representam construções epistêmicas muito complexas produzidas dentro de um *sistema de linguagem* da teoria em questão. As operações e/ou observações *individuais* numerosas designadas por cada variável sistemática, nos termos de minha distinção, seriam as chamadas variáveis empíricas” (pp.336).

as condições antecedentes e consequentes (variáveis independentes e dependentes) como diretamente observáveis (o que caracterizaria variáveis empíricas), enquanto muitas vezes essas condições parecem discriminar classes muito heterogêneas e amplas (o que caracterizaria variáveis sistemáticas) de observações e operações<sup>16</sup>. O problema, segundo Koch (1999g), é que se pararmos para analisar algumas variáveis independentes e dependentes enumeradas por Hull, é possível constatar que leis teóricas estipuladas a partir das mesmas produziram compromissos muito gerais, uma vez que Hull definiu variáveis sistemáticas como sendo diretamente observáveis (ou seja, empíricas). Assim, Koch (1999g) afirma:

Dessa forma, foi fácil ignorar o fato de que, digamos, uma função da variável interveniente calculada por (ou verificada por) valores de variáveis *empíricas especificadas* manipuladas e registradas em um único experimento, foi muitas vezes formulada de tal maneira a afirmar esta função para uma classe enorme e indefinida de variáveis empíricas (exemplo, meramente transpondo a função dentro dos termos *sistemáticos* correspondentes da linguagem da teoria) (pp.337).

Através desse exemplo fornecido por Koch (1999g), sobre a inadequação presente nessa formulação, justamente a respeito de um conceito importantíssimo que sustenta a proposta de Hull, torna-se possível demonstrar a proximidade entre a teoria hulliana e o que Koch (1964, 1981, 1999e, 1999g) chamou de *Era da Teoria*. É possível detectar na produção de Hull aspectos que caracterizam a *patologia cognitiva* e o *pensamento sem significado*, na medida em que Hull utiliza do *paradigma da variável interveniente* buscando aproximação entre teoria e experimento e objetividade nos dois níveis, ignorando a distinção entre variáveis sistemáticas e empíricas. Isso implicou na produção de formulações inadequadas e de leis gerais altamente especificadas, em detrimento de um conhecimento de fato significante. A

---

<sup>16</sup> Nesse ponto, Koch (1999g) apresenta como exemplo as noções hullianas de “S,” e “C<sub>D</sub>” (condições constitutivas de unidades) e “G” (reforço em vários sentidos vagamente especificados).

utilização do método hipotético-dedutivo importado de uma “nova visão de ciência”, anteriormente apresentada neste capítulo, na busca pela objetividade, fez com que Hull se desviasse dos problemas que de fato são pertinentes ao campo psicológico na concepção de Koch (1964, 1981, 1999e, 1999g).

Nesse sentido, a tentativa do neobehaviorismo hulliano é falha, uma vez que havia muita experimentação objetiva e pouco desenvolvimento de princípios preditivos claramente especificados tomando como referência as realizações e teorias da física. Assim, a experimentação parecia sem sentido e sem objetivo, visto que as hipóteses teóricas nem sempre estabeleciam relações com os dados empíricos (Koch, 1964). A partir das presentes considerações, no próximo capítulo apresentaremos algumas demandas e necessidades que Koch atribui à psicologia diante de todo esse contexto.

### 3. A PSICOLOGIA COMO TERCEIRA FORÇA DO CONHECIMENTO

Após apresentar a visão de Koch sobre a psicologia entre os anos de 1930 e 1960, torna-se possível dar continuidade à busca pelo nosso objetivo principal de compreensão do *status* da psicologia na leitura do autor. Para tanto, é necessário ter em mente uma das principais teses defendida por Koch (1964, 1971, 1981, 1993, 1999b), apresentada no capítulo anterior, que consiste na afirmação de que a psicologia não é uma ciência integral, independente e coerente, ou seja, que ela não possui características que as teorias psicológicas com maior visibilidade na *Era da Teoria* tentaram concretizar. Seguindo essa linha de raciocínio, apresentaremos nesse capítulo uma breve contextualização fornecida pelo autor sobre algumas mudanças que ocorreram na cultura acadêmica, de forma geral, de meados do século XX em diante, em direção a uma redefinição do conhecimento. Tais mudanças tiveram grande influência no pensamento de Koch e contribuíram para que chegasse a suas conclusões. Apresentaremos também a urgência por parte da psicologia, na visão de Koch (1961, 1971, 1981, 1999a, 1999b, 1999c, 1999d), em estabelecer uma aproximação com o campo das humanidades<sup>17</sup>. Apenas após essas discussões, será possível compreender de que forma o autor acredita que a psicologia deve se posicionar em relação a todo esse contexto histórico.

#### 3.1. A BUSCA POR UMA REDEFINIÇÃO DO CONHECIMENTO

Tendo como pano de fundo tudo que foi dito a respeito do conhecimento psicológico no período da *Era da Teoria*, Koch (1964) aponta para uma série de mudanças no que diz

---

<sup>17</sup> O que Koch (1961) designa como campo das humanidades se refere aos conhecimentos relacionados ao ser humano nas áreas da estética, literatura e arte, por exemplo. Tal termo não aparece nas publicações do autor com uma definição mais clara e mais detalhada, apenas através dos exemplos citados.

respeito à visão de ciência na comunidade acadêmica de forma geral. Como apresentamos no primeiro capítulo, enquanto as correntes behavioristas insistiram na busca por objetividade metodológica através de replicabilidade de descobertas e confiabilidade de predição utilizando regras pré-estabelecidas para elaboração, aplicação e verificação de teorias, a partir de meados da década de 1950, aproximadamente, grande parte das áreas de conhecimento apresentava uma visão de ciência diferenciada, na qual o processo de produção de conhecimento científico não necessariamente deveria ser determinado por regras<sup>18</sup> (Koch, 1964).

À medida que o behaviorismo permaneceu estagnado durante anos no estabelecimento da objetividade metodológica, a filosofia da ciência e a maior parte das outras áreas de conhecimento, por outro lado, caminharam debatendo e reformulando suas concepções (Koch, 1964). Até mesmo representantes do positivismo lógico e do operacionismo, que foram as correntes nas quais o behaviorismo orientou sua epistemologia, se flexibilizaram em alguns aspectos, como podemos perceber através de dois principais exemplos citados por Koch (1964). O primeiro é sobre Carnap, teórico que fez parte do movimento do positivismo lógico, que reconheceu, mesmo que de forma um pouco relutante, a legitimidade do método introspectivo, afirmando que deve ser reconhecido como um tipo de observação que não se distingue da observação externa, apesar dos limites de seu aspecto subjetivo. Outro exemplo citado por Koch (1964) é referente à Bridgman, físico que estabeleceu a ideia do operacionismo, que defende que o relato em primeira pessoa é fundamental para uma análise operacional significativa, na psicologia e nos contextos sociais.

Nesse sentido, Koch (1964) apresenta em alguns parágrafos a ocorrência dessas reavaliações referentes às atividades intelectuais. Afirma que nas ciências naturais e

---

<sup>18</sup> Ao mencionar esse panorama histórico, Koch (1964) justifica e corrobora com essa postura afirmando que se tomarmos como base, por exemplo, a diferenciação entre o *contexto de descoberta* e o *contexto de justificação*, qualquer análise que se faça sobre a justificativa irá mostrar uma justificação dependente de processos não determinados por regras, assim como no caso do contexto da justificação.

biológicas, por exemplo, certa humildade se tornou evidente através da percepção e do reconhecimento de limites existentes no alcance do conhecimento sobre um determinado objeto, da constatação da importância do que não é codificável, do tratamento com maior respeito sobre outros domínios da atividade cognitiva e da busca e identificação da continuidade entre esses domínios.

Na literatura e na arte, segundo Koch (1964), alguns padrões presentes na primeira metade do século XX foram questionados, junto com a emergência da disposição à compreensão da ambiguidade como aspecto positivo, no sentido de ampliação dos significados, atribuindo aos mesmos uma característica de riqueza de sentidos. Não era mais aceita a desvalorização das humanidades acadêmicas, fomentada pela idolatria à ciência, e, ao mesmo tempo, buscava-se disseminar a perspectiva humanística no mundo e no conhecimento, de forma geral (Koch, 1964). Na filosofia as mudanças foram bastante nítidas, pois ao priorizar problemas de método e de linguagem, eliminando a metafísica pela busca de segurança, a filosofia quase destruiu a si mesma deixando de lado problemas substantivos (Koch, 1964). Contudo, o autor afirma que tudo o que caracterizava tal momento passou a ser questionado, o positivismo lógico deixou de existir e a filosofia analítica foi fortemente problematizada. Questões éticas e substanciais e estudos de valor em geral voltaram à tona.

Koch (1964) aponta que, esses movimentos de reavaliação citados, apesar de serem locais, estão relacionados e interessados em uma articulação total do conhecimento. Tal articulação de conhecimento consiste em uma aproximação e estabelecimento de diálogos entre as ciências e as humanidades<sup>19</sup>, duas grandes áreas do conhecimento que historicamente apresentam relações conflituosas e dicotômicas (Koch, 1961, 1964, 1971). Apesar do

---

<sup>19</sup> Koch aponta a origem desse argumento em Snow, um físico-químico e romancista britânico, que estabeleceu uma distinção entre duas culturas, uma “cientificista” e outra “tradicional” ou “intelectual literária”, que se encontram completamente desprendidas uma da outra. Ele defende que uma solução para o isolamento entre as duas áreas de conhecimento seria integrar os modelos humanísticos às grades curriculares dos modelos científicas, e acrescentar aspectos das ciências na grade das humanidades (Snow, citado por Koch, 1961; 1964; 1971). Para Koch, essa integralização proposta por Snow só faria sentido se houvesse uma abertura de cada parte, o que seria difícil levando em consideração a rivalidade ideológica existente desde o século XIX. (1961; 1964; 1971).

interesse presente nesse período de buscar relacionar as ciências e as humanidades, a psicologia e as ciências sociais ficaram à margem, ainda concebendo uma visão da ciência predominantemente regulativa e obsoleta, uma vez que foi importada da filosofia da ciência cerca de três décadas antes do momento que aqui estamos abordando. Portanto, o que permaneceu cristalizado na psicologia, foi revisto e reformulado em suas áreas de origem (Koch, 1996).

Entretanto, como veremos mais adiante neste capítulo, Koch (1961, 1964, 1999c, 1999d) acredita que a psicologia possui um papel fundante na busca pela redefinição do conhecimento, defendendo que a articulação cognitiva deverá ser baseada em uma análise empírica de investigação que dependerá dos modos de análise da psicologia. Nas palavras do autor:

Há uma estranha circularidade, então, no dilema da psicologia. A psicologia há muito tempo é travada por uma concepção inadequada da natureza do conhecimento, que não é de sua própria criação. Um mundo agora em movimento em direção a uma concepção mais adequada começa a perceber que apenas a psicologia pode implementá-la. Contudo, a psicologia está impedida de fazê-lo porque, quase isoladamente na comunidade acadêmica, permanece nas garras da concepção antiga. Mas esta situação poderia levar a uma consequência feliz: se a psicologia romper o círculo há pouco descrito, poderia ao mesmo tempo assumir a liderança fazendo pressão para a resolução do problema intelectual central de nossa época e se libertar para se engajar com a amplitude ignorada, mas importante e intensamente interessante, de matéria própria. Além disso, pode encontrar coragem para realizar estas coisas na conjuntura em que as próprias fontes sobre as quais ela tem se apoiado por autoridade – a física e a filosofia da ciência – estão, junto com o resto da comunidade acadêmica, urgentemente convidando-as a serem feitas (Koch, 1964, pp. 5-6).

De forma resumida, o que Koch (1961, 1964, 1999c, 1999d) está dizendo é que a psicologia está à margem do movimento de redefinição da visão de ciência que tem ocorrido na cultura acadêmica, muito próxima de uma concepção obsoleta das ciências naturais e distante das humanidades. Porém, ela não apenas deve se aproximar do campo das humanidades, como também possui um papel fundamental para tal redefinição.

Até aqui, constatamos que Koch (1961) apresenta uma ideia extremamente relevante, no sentido de que menciona a importância de a psicologia não tentar se adequar ou se restringir a apenas um modelo de ciência, de forma que possa se orientar também por outros modelos de outros campos para orientar sua forma de produção de conhecimento. Entretanto, é notável que sua apresentação histórica sobre o processo de redefinição de conhecimento é bastante sintética, não possuindo detalhes, especificações e exemplos. Na próxima seção apresentaremos a justificativa fornecida por Koch (1961) para seu posicionamento de que a psicologia necessita se tornar parte desse movimento e se aproximar das humanidades e o seu papel diante desse contexto de redefinição.

### 3.2 O PAPEL DA PSICOLOGIA A PARTIR DE UMA APROXIMAÇÃO COM AS HUMANIDADES

Como foi apresentado anteriormente, a psicologia, desde sua institucionalização até a década de 1960 (que é aproximadamente o período analisado por Koch), se manteve colada às ciências naturais, buscando reconhecimento e legitimidade científica. Em decorrência disso, se distanciou do campo das humanidades, o que comprometeu bastante sua produção teórica até o momento abordado, comprometimentos esses citados no primeiro capítulo dessa dissertação (Koch, 1961). Para que a construção do conhecimento psicológico se torne significativa e rompa com a produção patológica da *Era da Teoria*, Koch (1961) acredita ser

necessário que a psicologia se torne próxima não apenas das ciências naturais mas também do campo das humanidades, pois somente assim será possível que ela busque seus próprios métodos investigativos (ou métodos nativos, termo utilizado pelo autor).

Nesse sentido, a psicologia contribuiu, na *Era da Teoria*, para a solidificação e perpetuação da dicotomia entre as ciências e as humanidades. Contudo, ela possui um grande potencial de ligação entre essas duas áreas, podendo, na verdade, ser compreendida como a terceira força do conhecimento, que funciona como uma ponte, promovendo a conexão entre as outras duas, as ciências e as humanidades (Koch, 1961, 1999c, 1999d). O autor faz uma analogia interessante para defender essa posição, afirmando que:

Em qualquer redefinição criativa das relações entre ciência e humanidades, em qualquer reajustamento das imagens, leigo ou técnico, dessas duas grandes áreas da aventura cognitiva humana, que poderiam transmitir de forma mais justa e precisa a unidade essencial do conhecimento, as questões psicológicas são novamente primordiais. Se a psicologia há de satisfazer com o propósito de sua própria definição, deve ser tal área em que os problemas da ciência, conforme concebidos tradicionalmente, e das humanidades se cruzam. Relativa a presente situação desagregadora no mundo do conhecimento, a psicologia, então, pode ser vista como uma terceira força. Poderia ser vista como uma terceira força cujos membros, quando chegam em números suficientes em terra de ninguém, preencheriam a lacuna que separam os combatentes e revelariam todas as três forças para o que elas realmente são: destacamentos do mesmo exército que tinha esquecido que havia um inimigo comum. (Koch, 1961, pp. 629).

Como veremos nas próximas subseções, Koch (1961) apresenta alguns sinais na psicologia que o leva a crer que a mesma poderia se tornar uma terceira força. Ele os discute de duas formas: apresenta problemas específicos que a psicologia deve tratar em conjunto

com o campo das humanidades, e considera alguns aspectos referentes ao papel da psicologia na redefinição das relações entre ciência e humanidades, além das consequências disso para a academia no geral e na psicologia.

### **3.2.1 *Estados Motivacionais e Propriedades de Valor: exemplos de articulação da psicologia com as humanidades***<sup>20</sup>

Apesar da grande proximidade entre o campo de conhecimento psicológico e as ciências naturais, Koch (1961), aponta para um aumento do interesse presente na psicologia em redirecionar o fenômeno humano e readmitir questões de referência experiencial, além de uma desvalorização do método hipotético-dedutivo a partir de meados do século passado. Para o autor, essas mudanças representavam potenciais para que a psicologia se engajasse em problemas de interesse humanístico<sup>21</sup>, ou seja, até o momento, a psicologia não se posicionava em relação a uma redefinição, mas apresentava sinais de possibilidades para tal (Koch, 1961).

Além disso, Koch (1961, 1999c, 1999d) acreditava que mesmo indiretamente, as mudanças em relação à visão de ciência que ocorreram dentro da filosofia da ciência e da comunidade acadêmica ainda iriam repercutir na psicologia, apontando para uma pluralidade de fins e significados na ciência. Nesse sentido, o autor se refere ao enfraquecimento do positivismo lógico e da filosofia analítica, à relegitimação da metafísica, o reconhecimento de áreas substanciais de debate sobre muitos problemas do método científico, que foram arbitrariamente considerados resolvidos (Koch, 1961). Homens como Polanyi, Bronowski e outros, começaram a demonstrar que, especialmente em níveis teóricos, a ciência envolve

---

<sup>20</sup> Franklin (2001) afirma que Koch obteve grande reconhecimento por promover uma transformação radical na psicologia, por ter saído de uma dominação do behaviorismo e visões semelhantes para uma disciplina que representa um conjunto de investigações plurais sobre o funcionamento humano. Entretanto, poucos conhecem o fato de que Koch entendia os esforços estéticos como centrais para a vida humana e que um de seus objetivos era desenvolver abordagens investigativas a partir desses esforços.

<sup>21</sup> O emprego do termo humanístico no presente capítulo se refere a aspectos pertinentes ao campo das humanidades.

processos criativos nos quais nenhum formalismo pode ser reduzido a regras, processos semelhantes a aqueles mediados por atividades poéticas, artísticas e dos historiadores.

Para Koch (1961, 1971), a esquiva a uma análise sensível da experiência, até então (como, por exemplo, o entendimento do que ele conceitua como propriedades de valor), é o que manteve a psicologia longe das questões relativas às humanidades. Nesse ponto, a psicologia tinha muito a perder, uma vez que a maior parte dos problemas de estudos do campo psicológico não podem ser abarcados senão em termos de níveis da sensibilidade experiencial comumente cultivada, no passado, unicamente através das humanidades. Apesar de não explicar claramente, apresentaremos a seguir o exemplo fornecido por Koch (1961) que, segundo ele, pode demonstrar que quando a psicologia lança mão desse tipo de sensibilidade, além de conseguir maior alcance sobre um problema, se torna relevante para o campo das humanidades.

Tal ilustração consiste no tratamento que, até o momento, foi dado às teorias motivacionais tradicionalmente concebidas na psicologia. A ideia comum existente na epistemologia ocidental, segundo Koch (1961) tendia a compreender comportamentos e ações apenas a partir de um contexto extrínseco ou externo ao indivíduo, ou seja, comportamentos dirigidos a objetivos ou finalidades, de forma a reestabelecer alguma falta, deficiência ou privação no organismo (no behaviorismo, por exemplo, “X faz Y em razão de um contexto Z”). Além disso, as abordagens teóricas tradicionais entendiam os eventos que antecedem um determinado comportamento como sendo biológicos ou subjetivos e referentes a estados internos, porém, sempre em razão de algo, respeitando uma lógica de desequilíbrio-equilíbrio. Contudo, essa abordagem mais frequente das teorias motivacionais possui algumas limitações. Apesar de fazer sentido em alguns aspectos da vida real, nem sempre é válida, tendo em vista que muitas vezes não há um referente ou contexto prontamente identificável que forneça a ideia de finalidade. Além disso, existem também situações em que um único

comportamento poderia ser explicado, a partir da visão tradicional do conceito de motivação, através de diferentes formas ou de diversos referentes. Portanto, adotar uma sequência de eventos para justificá-lo, pode levar a resultados arbitrários e inadequados, o que reflete em uma distorção do entendimento de motivação por parte das teorias motivacionais tradicionais na psicologia (Koch, 1961).

Nesse sentido, na perspectiva de Koch (1961), a busca pela generalização para explicar a motivação, quando restrita ao temperamento cientificista<sup>22</sup>, no sentido de manutenção da objetividade, controle e predição implica em resultados inadequados e vazios. Para ele, é necessário lançar mão de sensibilidade estética e trabalho criativo, ou seja, é necessário se aproximar de aspectos humanísticos para encontrar uma forma mais adequada, honesta e significativa de explicar o funcionamento e atividade humana. Nesse sentido, Koch (1999e) desenvolve a ideia de dois tipos de *estados motivacionais* que fazem parte da atividade humana. No primeiro, estado A, a atividade é extrínseca ou externa ao processo de trabalho ou experiência do indivíduo, de forma que ele trabalha na/para a tarefa, as funções intelectuais e criativas são de baixo fluxo, o sentimento estético genuíno é muito pequeno e possui baixa energia. É caracterizado por ser devagar, rígido, desorganizado, sem forma e deselegante. Por outro lado, no outro tipo de estado, denominado estado B, a atividade é intrínseca ou interna ao processo de trabalho do indivíduo, de forma que ele se compromete ou até mesmo se torna a tarefa; a atividade se encontra altamente engrenada, possuindo seu próprio impulso. É caracterizado pela espontaneidade, falta de bloqueios e fluência de ideação, fluxo de associações que remetem ao fluxo livre de pensamento nos sonhos<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> No sentido apresentado pelo autor no primeiro capítulo e no início deste, caracterizado pela objetividade e pela utilização do método hipotético-dedutivo.

<sup>23</sup> É curioso como Koch (1999e) articula esses *estados motivacionais*, respectivamente, aos conceitos de *pensamento sem significado* e *pensamento significativo*. Ele afirma: “Desnecessário dizer, o tipo de atividade intelectual descrita como característica do estado A seria grosseiramente ilustrativa do que nós chamamos de *pensamento sem significado*, enquanto a síndrome da atividade do estado B seria ilustrativa do *pensamento significativo*” (Koch, 1999e, pp.239).

A partir dessa ideia, Koch (1961, 1999e) afirma que, em relação ao estado B, que representa o comportamento guiado intrinsecamente, existem propriedades ou relações específicas e inerentes à experiência da própria atividade. Essas são as propriedades conceituadas pelo autor como *propriedades de valor*,<sup>24</sup> que consistem em atributos específicos da experiência, focando em questões como valores, significado, escolha e vontade, pensando no comportamento não como consequência de um evento, mas sim como uma experiência individual, através do contato com o próprio fenômeno e de aspectos humanísticos (Koch 1961). Fica claro na seguinte passagem o intuito do autor ao utilizar a ideia de *propriedades de valor* de forma ilustrativa:

Minha discussão de propriedades de valor foi mais uma ilustração de um contexto no qual a reaproximação com questões de preocupação humanística (e com os humanistas<sup>25</sup>) poderia não apenas acrescer o conhecimento em formas valiosas, mas levar a um entendimento seguro de sua organização. Existem muitas outras conexões nas quais a psicologia deve desempenhar um papel importante, se não central, em colocar a natureza do conhecimento do homem, e, portanto, a sua textura, em melhor foco (Koch, 1961, pp.637).

Segundo Koch (1961, 1999b, 1999c) a ideia de *propriedades de valor* deu suporte a diferentes áreas da psicologia *fundamental* e reflete em características centrais presentes em diversas disciplinas que tradicionalmente tratam fenômenos de valor. Dessa forma, o autor acredita que as *propriedades de valor* podem clarificar a compreensão das relações entre ciência e humanidades, ao demonstrar que problemas pertinentes à psicologia (como no caso do exemplo citado, em que as teorias motivacionais tradicionais distorcem a ideia de motivação) quando tratados através de uma sensibilidade experiencial podem ser concebidos

---

<sup>24</sup> A noção de *propriedades de valor* surgiu no simpósio sobre motivação realizado em 1956 em Nebraska (*Nebraska Symposium on Motivation*) através da apresentação sobre um fenômeno negligenciado denominado “motivação intrínseca”.

<sup>25</sup> A utilização do termo humanista no presente capítulo se refere à pessoas que desenvolvem os conhecimentos pertinentes ao campo das humanidades.

de forma mais perto do que chamamos de plena. Em outras palavras, isso significa que, a apresentação desse conceito complementa a ideia apontada anteriormente de que maior parte dos problemas do campo da psicologia só são possíveis de serem tratados a partir da sensibilidade experiencial característica do campo das humanidades.

### **3.2.2 A Teoria da Definição e o Processo de treinamento perceptivo: A psicologia como terceira força e seu papel na redefinição do conhecimento**

Como mencionado alhures, Koch (1961) justifica a necessidade da aproximação do campo da psicologia com as humanidades através dos argumentos apresentados na subseção anterior e também pelo fato de que, a seu ver, a psicologia possui um papel fundamental na redefinição das relações e reaproximação entre ciência e humanidades. O autor atribui à psicologia esse papel, uma vez que tal redefinição do conhecimento deve ser baseada em um tipo de análise investigativa que se sustenta através das formas psicológicas de análise (Koch, 1961).

Para compreensão do que o autor quer dizer com essas formas psicológicas de análise, discutiremos aqui uma questão referente ao problema de definição dos termos utilizados no campo de conhecimento geral e no campo científico, oferecendo como alternativa uma teoria de definição que possa substituir a doutrina de *definição operacional* utilizada na *Era da Teoria*, fundamentada na fusão inapropriada, como já apresentado, do positivismo lógico, operacionismo e neopragmatismo. Koch (1961) aposta na necessidade de uma análise psicológica efetiva da linguagem natural, principalmente no que diz respeito a problemas de definição, falta de significado e significado<sup>26</sup>. Os problemas de definição para os propósitos dessa discussão podem ser entendidos como questões chave, uma vez que, na leitura de Koch

---

<sup>26</sup> Koch (1961) afirma que esses problemas comumente são tratados no campo da epistemologia por filósofos da ciência ou por linguistas, porém, em sua visão, para assim serem tratados, devem antes ser reconhecidos como problemas de natureza psicológica, como na verdade são.

(1961), sustentam a existência e o avanço da dicotomia entre ciência e humanidades. Cada uma dessas duas grandes áreas do conhecimento depende de pressupostos específicos que partem de conceitos e termos de tipos distintos e que buscam explicações (e formas de alcançá-las) díspares, gerando diferentes formas de significado. Dessa forma, Koch (1961) acredita que uma análise adequada possibilitará o entendimento sobre a existência dessas diferenças e em que medida elas se dão.

A justificativa de Koch (1961), para afirmar que é necessária uma análise psicológica segue a seguinte linha de raciocínio: primeiro, ele parte do pressuposto de que a linguagem científica se desenvolve como uma linguagem especializada em relação à linguagem natural (linguagem do senso comum), entendendo a última como a linguagem utilizada também pelos humanistas. Assim, o funcionamento da linguagem natural deve ser levado em conta na análise proposta. Em seguida, Koch (1961) explica que é necessário olhar para o problema de definição de forma psicológica, uma vez que, para ele, uma definição, quando apreendida por alguém, deve resultar em um processo de aprendizagem perceptiva, de forma que o que é aprendido, nesse caso, é a discriminação das propriedades, relações e sistemas referentes ao termo que está sendo definido. Isso significa que a definição, em primeira instância, é um e que todos os aspectos acerca das condições de treinamento perceptivo e aprendizagem devem ser aplicados à análise de definição. Nesse sentido, algumas circunstâncias relativas à origem e ao estatuto das palavras na linguagem natural assumem um novo olhar. Koch (1961) dá continuidade a essa ideia, justificando que nenhuma linguagem (seja ela natural ou científica) é passível de regulação e organização em níveis lógicos, ou que todos os termos são reduzíveis a uma definição de base comum, assim como o positivismo lógico e correntes afins defenderam. Ao contrário disso, a maneira mais adequada e honesta para definir um determinado termo é se distanciando da definição de base presumível. Como afirma Koch (1961):

[...] Se quisermos definir com um termo qualquer relação ou propriedade, razoavelmente sutil, embutida ou delicadamente “delineada”, devemos muitas vezes, se estivermos utilizando meios verbais de definição, construir nossa expressão de definição a partir de palavras que são tão rarefeitas (afastadas da base de definição presuntiva) como aquela em questão, ou ainda mais (Koch, 1961, pp. 638).

A partir dessa apresentação, torna-se possível compreender que em decorrência desses problemas de definição, a proposta de Koch (1999c) é de desenvolver uma *teoria da definição*, levando em consideração a necessidade de uma análise psicológica efetiva da linguagem, pois apenas assim será possível pensar em uma redefinição do conhecimento. Nesse sentido, torna-se compreensível também o papel que o autor atribui à psicologia, entendendo-a como uma terceira força do conhecimento, sendo fundamental e essencial para a reaproximação ente os campos das ciências e das humanidades. Na visão de Koch (1961), apenas a psicologia é capaz de ocupar a lacuna existente entre esses dois grandes campos, que decorre das diferenciações em termos de definição e linguagem.

No próximo capítulo, apresentaremos os impactos positivos que esse entendimento possui no campo da psicologia, no sentido de que se o campo de estudos psicológicos se mantiver próximo e em constante diálogo não apenas com as ciências naturais, como sempre esteve, mas também com o campo das humanidades, ele poderá atingir seus objetos (não podemos perder de vista a condição de pluralidade característica da psicologia) de forma mais plena. Portanto, a tese do autor consiste na busca por uma psicologia que combine um temperamento científico e uma sensibilidade humanística.

#### 4 ESTUDOS PSICOLÓGICOS: UMA CATEGORIA DE INTERPRETAÇÃO

Após apresentar todos os problemas referentes à produção teórica da psicologia desde sua institucionalização até o final da *Era da Teoria*, de compreender a necessidade de uma aproximação da psicologia com o campo das humanidades, desempenhando seu papel como uma terceira força fundamental para a proposta de redefinição do conhecimento, torna-se possível compreender de que forma Koch entende o *status* da disciplina, a partir da articulação de todas essas discussões. Portanto, nesse capítulo, retomaremos a todo momento os assuntos anteriormente tratados de forma a viabilizar o entendimento de Koch sobre o campo de conhecimento psicológico. Para isso, partiremos da condição de fragmentação<sup>27</sup> característica do campo de conhecimento psicológico que sustenta a tese do autor no que diz respeito ao *status* da psicologia. Apresentaremos também como a psicologia como terceira força do conhecimento e engajada com a redefinição do conhecimento pode implicar de forma positiva na definição de seu *status* e porque essa forma de entendê-la é mais adequada, mais honesta e coerente. Por fim, apresentaremos um exemplo fornecido por Koch sobre Karl Edward Zener, um teórico que busca o conhecimento dentro do campo psicológico através de um empreendimento significativo (nos termos de Koch), e que compactua com os ideais de Koch.

Retomando então de forma breve aspectos fundamentais pra o entendimento de Koch sobre o *status* da disciplina psicológica, é necessário ter em mente uma articulação de todas as teses do autor apresentadas até agora. Sendo assim, em resumo, podemos afirmar: é possível compreender que, para Koch (1961, 1964, 1969, 1971), a produção cognitiva na psicologia

---

<sup>27</sup> Será possível perceber no decorrer do capítulo, que a ideia de fragmentação da psicologia não é necessariamente discutida nas publicações de Koch. Isso decorre do fato de que a fragmentação ou pluralidade teórica presente no campo psicológico é uma condição, ao menos até o momento; não é possível pensar a psicologia sem considerar sua diversidade. Entretanto, a ideia de fragmentação está implicitamente presente nos argumentos de Koch e fornece sustentação para sua tese a respeito do *status* da psicologia. Como veremos, embora alguns autores defendam a ideia da unidade na psicologia, Koch acredita que essa unidade não é possível, e aposta na ideia da fragmentação como algo positivo para o campo.

*moderna* (de sua institucionalização até o fim da *Era da Teoria*) caracterizada pela busca de um *status* científico integral, coerente e independente deveria se reformular, aceitar suas condições e limitações (fragmentação, ambiguidade e dependência de outras áreas) e desenvolver metodologias próprias (tanto a nível geral, quanto a nível técnico) ao invés de tomar para si modelos epistemológicos formulados no campo da filosofia da ciência frequentemente utilizado nas ciências naturais. Para ele, apenas assim seria possível caminhar em direção ao alcance dos objetivos de maneira plena e honesta. Nesse sentido, Koch (1961) acreditava que para o desenvolvimento de metodologias nativas, o campo de conhecimento psicológico deveria buscar explorar sua relação com o campo das humanidades, pois até então a proximidade só existia com o campo das ciências naturais. Além disso, como apresentamos, a psicologia possui papel fundamental na redefinição do conhecimento, por meio da discussão de problemas de linguagem e definição de termos, podendo contribuir para uma reaproximação do campo científico com o campo das humanidades.

Além de todos os aspectos já apresentados, outra questão ainda não discutida de forma aprofundada na presente dissertação é a condição de fragmentação teórica (consequentemente metodológica e prática) do campo psicológico. Apresentaremos a seguir algumas discussões sobre o tema e o posicionamento de Koch em relação ao mesmo, uma vez que tal posicionamento se coloca como sustentação da tese principal do autor a respeito do *status* da psicologia,

#### 4.1 A FRAGMENTAÇÃO DA PSICOLOGIA

A ideia característica de fragmentação ou dispersão teórica presente no campo da psicologia pode ser compreendida historicamente através de conflitos e disparidades existentes entre perspectivas teóricas desde sua institucionalização. A existência de uma

diversidade de teorias e conceitos distintos dentro do campo se constitui a partir da falta de consenso em relação à natureza última do objeto de estudo e suas principais características (problema ontológico), e, em consequência disso, a multiplicidade de métodos e práticas (Araujo, 2011; Castañon, 2009). Autores pertencentes a um contexto local e temporal muito próximo de Koch (norte-americanos com trabalhos publicados no século XX) se posicionaram em relação ao “problema” da fragmentação da psicologia. Suas discussões serão apresentadas de forma breve, com intuito de fornecer uma ideia sobre o que se pensava a respeito da questão no contexto de Koch<sup>28</sup>.

A visão de Altman (1993), por exemplo, sobre as condições da disciplina psicológica é fundamentada no contexto histórico geral, social e político norte-americano no século XX. Partindo de uma perspectiva dialética, aponta dois polos característicos sobre o funcionamento do campo da psicologia em contextos específicos. Segundo o autor, em determinados momentos, a psicologia pode se encontrar de forma mais dispersa e não coesa,

---

<sup>28</sup> As publicações de Altman, Giorgi, Staats e Bower citadas a seguir foram realizadas fazendo referência ao centenário da institucionalização da psicologia. Outros autores mais atuais, como Denmark e Krauss (2004), Rychlak (2004) e Stenberg(2004) também merecem ser mencionados, para uma possível dimensão de como essa discussão tem se desenvolvido mais recentemente. Stenberg (2004) defende a unificação do campo psicológico, no sentido de que a psicologia deve buscar uma direção em conjunto e não em partes fragmentadas. Ele afirma que a fragmentação da psicologia resulta do enfraquecimento do campo como área de conhecimento científico, uma vez que tal fato implica disputas e pouco avanço da área, bem como na redução da sua credibilidade externa, tendo em vista que suas correntes, por si só, não podem representar claramente a ciência psicológica perante as outras ciências. Nas palavras do autor: “Quaisquer que sejam as razões, a psicologia como um campo apenas se fere nessa fragmentação. [...] A unidade ao invés da fragmentação é o caminho sensato para a psicologia tomar” (Stenberg, 2004, pp. 4-5). Vê-se, portanto, que Stenberg (2004) acredita na possibilidade de unificação do campo através da identificação de significados comuns para uma atividade integrada e articulada, tanto prática quanto investigativa. Para ele, tal unificação poderia se dar mais através de uma preocupação com o fenômeno psicológico em si, do que com subcampos da psicologia.

Denmark & Krauss (2004) e Rychlak (2004), por sua vez, argumentam a favor de uma perspectiva de unificação do campo psicológico, mas uma unificação que não coloque em risco a diversidade presente na psicologia. Eles acreditam que é justamente essa diversidade que contribui para o seu desenvolvimento, algo já presente em sua essência e origem histórica. Propõem a ideia de unificação de forma diferenciada da que encontramos nas propostas tradicionais. Segundo os autores, as investigações psicológicas devem levar em consideração os subcampos da psicologia a partir de pesquisas colaborativas, em que vários desses subcampos entrem com alguma contribuição.

Essas diferenças de conceituação do termo unificação nos mostra como é complicado adotar uma postura extrema e categórica em relação a essa discussão. As discussões atuais estão longe de se restringirem a esses autores citados, porém a escolha dos mesmos se justifica pelo fato de citarem o trabalho de Koch. No caso de Denmark & Krauss (2004) e Rychlak (2004), mesmo defendendo a ideia de uma unificação, nos termos que defendem não se afastam tanto do posicionamento de Koch, uma vez que prezam pela manutenção da diversidade existente na psicologia.

sendo caracterizada por uma tendência centrífuga, enquanto em outros, pode se apresentar mais integrada e coesa, numa tendência centrípeta. Para Altman (1993), esta configuração é sempre definida pelo contexto. Não há como se considerar qualquer posição proeminente entre essas tendências, já que cada uma pode possuir pontos positivos e negativos. O máximo que se pode dizer, portanto, é que pode haver momentos em que uma irá adquirir maior força do que a outra.

Outra perspectiva é apresentada por Bower (1993), que enfoca o aspecto prático da psicologia, mas já apontando para a sua dispersão, desse modo, isso implica na forma como a disciplina se estrutura academicamente. Para o autor, há uma diversidade de estudos que são demandados a partir dessas aplicações, que vão se desenvolvendo na tentativa de abarcar as lacunas oriundas da própria prática, o que implica no surgimento de áreas relacionadas a cada campo específico de aplicação. Como ilustração desse aspecto apresentado, Bower (1993) faz referência ao surgimento das divisões da APA, que se constituem por diversos grupos que representam diferentes áreas de aplicação especializadas da psicologia. Bower (1993) considera este fenômeno como algo natural de uma ciência jovem que está em desenvolvimento, característico de um processo de especificação natural do conhecimento científico.

Por outro lado, autores como Giorgi (1985) e Staats (1991) entendem a psicologia como uma disciplina fragmentada, contudo, em diferentes níveis, acreditam na possibilidade de ela vir a se tornar uma área integrada ou unificada, de forma que não se caracterize mais pela ambiguidade e dispersão. Giorgi (1985) admite que existem problemas concernentes à psicologia no que diz respeito ao seu reconhecimento científico e à sua independência de outros campos de conhecimento, mas, ao mesmo tempo, admite que existe um caminho que pode tornar a psicologia uma disciplina coerente. Esse caminho consiste em classificar o objeto de estudo da psicologia através do termo *expressiveness*, que segundo ele, é capaz de

abranger todas as formas já concebidas de se representar o objeto da psicologia. Staats (1991), por outro lado, pensa a desunião da psicologia como uma crise que sempre se fez presente, uma vez que o campo nunca se estruturou de forma unificada. Em sua visão, a desunificação se alimenta em si mesma, e a tendência é que se amplie cada vez mais. Porém, Staats (1991) acredita que a atribuição de um *status* científico à psicologia depende em grande parte de sua unificação, afirmando categoricamente que “a psicologia deve atingir o conhecimento compacto, parcimonioso, inter-relacionado e consensual para ser considerada uma ciência real” (Staats, 1991).

Entre esses autores, Koch também discute a ideia de fragmentação, porém, na maior parte das vezes, de uma forma não aprofundada e indireta em suas teses<sup>29</sup>. Ele apresenta implicitamente, ao afirmar no título de um de seus artigos, que “a psicologia não pode ser uma ciência coerente” (Koch, 1969). É possível constatar que ele entende o campo psicológico como fragmentado, diverso e ambíguo, e que ele acredita que esforços contrários a essas caracterizações, por não serem possíveis, não são honestos, responsáveis e significativos (Koch, 1971, 1981, 1999b, 1999e). Portanto, ele acredita que reconhecer a fragmentação é algo positivo, uma vez que assim podemos ter uma compreensão mais coerente sobre o *status* da psicologia, e mais do que isso, utiliza essa condição do campo para sustentar sua leitura sobre o *status* do mesmo (Koch, 1969, 1971, 1981).

De forma mais detalhada, podemos dizer que, ao abordar o problema sobre o *status* da psicologia, o autor defende a ideia de uma fragmentação teórico-metodológica presente no campo. Aponta para uma série de produções teóricas da psicologia que entraram em disputa através do que ele chamou de *conhecimento negativo*, que consiste na ideia de que as escolas de pensamento negavam umas às outras, numa tentativa de substituição e de legitimação própria como aquela que melhor abarcava o conhecimento psicológico. Para tal realização,

---

<sup>29</sup> Koch discute a fragmentação psicológica de forma direta e explícita em suas publicações de 1971, 1993 e 1999b (que na verdade é um texto baseado no artigo de 1971).

tentavam simular de alguma forma métodos utilizados pelas ciências naturais. Nesse sentido, o conhecimento psicológico se apresentava completamente fragmentado no que diz respeito ao seu aspecto teórico e, conseqüentemente, em toda sua estrutura enquanto disciplina, ou seja, nos métodos e nas práticas profissionais (Koch, 1969; 1971).

Certamente ela não pode esperar se tornar teoricamente coerente; já está claro que nenhuma grande subdivisão de investigação pode, inclusive a física. Mas tampouco é realista (ou desejável) buscar a coerência, seja de práticas metódicas, lingüísticas e outras comunicativas, tamanho e grau de extensibilidade da comunidade de consenso, ou características pessoais e treinamento de pesquisadores. Quanto ao objeto de estudo da psicologia, é difícil ver como poderia ter sido considerado coerente sob qualquer definição da ciência presuntiva, seja em termos de mente, consciência, experiência, comportamento ou mesmo agregados de moléculas ou circuitos transistores (Koch, 1971, pp 691).

Quando destacamos anteriormente uma divisão entre o campo da ciências naturais e das humanidades, e afirmamos que a discussão referente à nota de rodapé 2 seria ainda melhor esclarecida, o intuito era de que após a compreensão de todos os aspectos até agora discutidos pudéssemos tratar do entendimento de Koch sobre ciência e o porquê de ele relacioná-la a todo momento às ciências naturais. Nesse sentido, para Koch (1971) a ciência é um tipo de conhecimento muito destacado e valorizado no período moderno; ele afirma que “[...] Talvez seja a palavra mais cobrada, brilhante e tranquilizadora do vocabulário moderno” (1971, pp. 691). Nesse mesmo recorte temporal, segundo o autor, o significado da palavra *ciência* está completamente relacionado (ou encharcado, segundo seus termos) às ciências naturais. Portanto, significado central do termo *ciência* está culturalmente ligado a um padrão analítico específico com origem na astronomia moderna, se estendendo ao mecanicismo newtoniano, evoluindo até a física do momento pós-clássico. Esse padrão está implícito,

segundo Koch (1971), nas habilidades dos grandes físicos e é aplicável em aspectos das ciências biológicas. Para que esse padrão seja aplicável é necessário que o objeto de estudo seja passível, na visão de Koch (1971), dos seguintes aspectos: em primeiro lugar, que se possa desincorporar um conjunto pequeno de variáveis do domínio do fenômeno, variáveis essas que demarcam aspectos importantes da estrutura do domínio, considerando que esse domínio seja um sistema momentaneamente estático e idealizado; e em segundo lugar, que esse conjunto de variáveis possa ser organizado em um sistema matemático ou formal capaz de descrever corretamente as mudanças em aspectos selecionados do *status* do sistema em função do tempo ou mudanças do sistema descritivo como alternância dos valores de variáveis especificadas.

Nessas condições, na perspectiva de Koch (1971), a ideia de ciência está histórica e culturalmente ligada à concepção de ciência moderna que é aplicável em muitos aspectos às ciências naturais. Para ele, é possível considerar uma área do conhecimento como sendo mais próxima ao conhecimento científico desde que o padrão de análise da ciência possa ser aplicado. No caso da psicologia, como dito anteriormente, buscou-se aplicar esse padrão durante todo o período, desde sua institucionalização até o fim da *Era da Teoria*, e para isso, os teóricos do campo lançaram mão de simulações ou adaptações dos métodos das ciências naturais, de forma que, nem sempre eram possíveis de serem aplicados. Por esses motivos, Koch (1971) afirma que as condições de produção de conhecimento da época não poderiam ser consideradas como forma de *pensamento significativo*, e que mesmo com todos os esforços do behaviorismo e de correntes que buscavam se adequar ao padrão de análise científico, a psicologia ainda se encontrava de forma ambígua, dispersa, confusa, e a discussão sobre seu *status* e cientificidade ainda estava em pauta.

Considerando o modelo científico descrito acima, se torna possível compreender, afinal, como Koch (1971) enxerga o *status* da psicologia. Para ele, muitos domínios do campo

de estudos da psicologia não podem ser considerados científicos (nos termos de ciência apresentados). O que ocorre na verdade é que a psicologia possui uma gama de fenômenos passíveis de serem estudados através do campo da ciência e outros através do campo das humanidades (como demonstrado no capítulo dois desta dissertação). Nessas circunstâncias, Koch (1971, 1993) acredita que o campo psicológico pode ser melhor entendido se considerarmos como um conjunto de *estudos psicológicos*, uma vez que, ao designá-lo dessa forma estamos sendo mais coerentes e mais honestos por reconhecer suas condições de fragmentação e ambiguidade, além de entender que suas disposições de estudos existem tanto no campo da ciência quanto no campo das humanidades.

Ao compreender o *status* do campo dessa forma, Koch (1971) entende que torna-se possível que os estudos psicológicos tomem seus objetos de maneira mais plena, sem tanta restrição pela busca de adequá-los a um modelo específico, possibilitando assim a criação de métodos nativos. Esses pontos destacam aspectos positivos do papel dos *estudos psicológicos* na exploração e redefinição da relação entre os campos científico e humanístico, que além de exercer uma função essencial na redefinição do conhecimento que a cultura acadêmica vinha buscando, contribui para a redefinição do próprio conhecimento psicológico e de seu *status*. Assim, o campo de *estudos psicológicos* poderia se tornar a terceira força do conhecimento, mediando a relação e preenchendo a lacuna entre ciência e humanidades (Koch, 1961b).

Diante de todos os pontos apresentados, Koch sugere a aceitação do conhecimento psicológico enquanto algo fragmentado e disperso, sem coerência, coesão ou harmonia. Para ele, longe disso ser algo negativo, tal aceitação significa oferecer uma melhor definição para a psicologia e contribuir para seu desenvolvimento, ao invés de simular sua integração e cientificidade, ignorando os seus problemas (Koch, 1993). Nesse sentido, a proposta de Koch é de frisar que o *status* da psicologia, em seu contexto, não é totalmente científico nem totalmente parte das humanidades. Os *estudos psicológicos* que possuem características

pertinentes à ciência, são os que possuem um objeto cujo método de investigação científica representa o mais adequado para o alcance do objeto, ou seja, é capaz de atingir de forma mais significativa sua compreensão. Os outros tipos de *estudos psicológicos* que não respondem às características do conhecimento científico, correspondendo com o campo das humanidades, são aqueles que necessitam de utilizar de aspectos humanísticos como aspectos estéticos, sensíveis, criativos e experienciais para uma aproximação à essência do objeto (Koch, 1981). Nas palavras do autor:

Meu argumento foi que a psicologia é mal interpretada quando vista como uma ciência coerente ou como qualquer tipo de disciplina coerente devota ao estudo empírico do ser humano. A psicologia, em minha visão, não é uma disciplina única, mas uma coleção de estudos de molde variado, alguns deles podem ser qualificados como ciência, enquanto a maioria não (Koch, 1993, pp. 902).

Embora nas considerações de Koch, algumas perspectivas possam ser consideradas científicas e outras não, não significa que as que não correspondem ao modelo de ciência não possam ser importantes, legítimas e válidas, e não implica em uma regressão ou invalidação do conhecimento psicológico como alguns teóricos poderiam vir a pensar (Koch, 1971). Isso fica claro na seguinte passagem de Koch (1971), assim como a questão sobre *status*:

Muitos domínios importantes e legítimos do estudo psicológico, então, não podem ser chamados de *ciência* em nenhum sentido significativo, e a aplicação continuada dessa metáfora enganadora pode apenas corromper, distorcer ou perverter o esforço da pesquisa. Quando eu digo isso, é importante que o que eu não estou dizendo seja entendido. Eu não estou dizendo que os estudos psicológicos não deveriam ser empíricos, não deveriam tentar alcançar uma classificação racional dos eventos observados, não deveriam experimentar análises perspicazes, determinadas, estabelecidas em partículas e diferenciadas das interdependências entre eventos

significativos. Eu não estou dizendo que métodos matemáticos e estatísticos são inaplicáveis em todo lugar. Eu não estou dizendo que não há subcampos da psicologia, conforme constituídos historicamente, que podem ser considerados partes da ciência – embora possa ser argumentado que os mais claramente discerníveis desses, tais como os que são chamados de “psicologia sensorial” e “psicologia biológica” poderiam muito bem (e talvez mais proveitosamente) serem considerados partes da ciência biológica. Eu estou dizendo sim que em campos tão próximos do núcleo dos estudos psicológicos como a percepção, a cognição, a motivação e a aprendizagem, e certamente a psicologia social, a psicopatologia, e o estudo da personalidade, e, com certeza, a estética, o estudo da “criatividade”, e o estudo empírico dos fenômenos relevantes para os domínios das humanidades existentes – em todas essas áreas, tais conceitos como *lei*, *experimento*, *mensuração*, *variável*, *controle*, *teoria*, não se comportam suficientemente como seus homônimos dentro da ciência (pp. 694).

Cada uma das linhas teóricas possuem propostas, posicionamentos e percepções diferentes sobre o ser humano. Uma visão crítica em relação a essas perspectivas e à condição na qual a psicologia se encontra é de suma importância para as investigações e para a compreensão dos limites do conhecimento psicológico. Koch (1993) aponta que os *estudos psicológicos* devem utilizar estratégias metodológicas que façam sentido, isto é, sejam compatíveis ao assunto estudado. Dentro dessa perspectiva de *estudos psicológicos*, Koch acredita ser possível construir um conhecimento significativo, real e produtivo. Os problemas existentes dentro do campo podem ser abordados de forma mais simples, e a partir desse diálogo entre a ciência e humanidades, seria possível alcançar de forma mais abrangente questões relacionadas às atividades e às experiências humanas (Koch, 1971).

#### 4.2. Karl Edward Zener: um exemplo de *pensamento significativo*

Karl Zener foi um dos pesquisadores da psicologia mais influentes no pensamento de Koch. Foi professor de Koch e posteriormente se tornaram amigos. Zener tinha formação em psicologia e era doutor em psicologia da música. Passou um ano realizando pesquisas com Wolfgang Köhler e Kurt Lewin na Universidade de Berlim. Seus principais interesses se voltavam para o estudo de temas da psicologia fundamental, como: psicofísica, aprendizagem, motivação, condicionamento, percepção e estética. Foi um dos teóricos mais engajados na produção de conhecimento significativo, na visão de Koch (1999h), na história da psicologia *moderna*. Em seus trabalhos acadêmicos, possuía uma profundidade não muito comum e para tudo o que estudava levava originalidade e disposição para buscar maior proximidade possível e maior alcance da complexidade dos fenômenos. Para Koch (1999h), Zener foi um pesquisador e professor extraordinário, embora pouco conhecido, afirma: “[...] foi um dos psicólogos mais compenetrados – de fato profundo – deste século” (pp. 350).

Para Koch (1999h), a forma de *pensamento significativo* pôde ser constatada e reconhecida na carreira de Zener a partir de seus insights a respeito dos problemas de seus trabalhos iniciais na psicologia, e, dos problemas da cultura e tradição da qual ele fazia parte, reconhecendo a pouca significância dos estudos da psicologia moderna. Tais insights tiveram grande impacto nas ideias de Koch, contribuindo para que ele desenvolvesse seus conceitos de *pensamento sem significado* e *patologia cognitiva ou epistemopatologia*. Koch exemplifica como um desses insights, o programa de pesquisa conduzido por Zener sobre resposta condicionada. A convite de William McDougal (professor e fundador do departamento de psicologia na Universidade de Duke), Zener ficou responsável pelo laboratório de pesquisas sobre condicionamento pavloviano e, através da realização de uma série de experimentos. Foi capaz de mensurar muitos aspectos do comportamento dos animais negligenciados por Pavlov em decorrência de suas leis e formulações simplistas, demonstrando a inadequação das

mesmas. Para Koch (1999h) isso ilustra a preocupação de Zener com a profundidade do estudo dos conteúdos pertinentes à psicologia. Afirma: “Em um período da psicologia no qual a tendência era cortejar as formas de ciência mais do que seus conteúdos, Karl Zener se manteve firme na profundidade de suas questões e na significância de suas respostas” (Koch, 1999h, pp.351).

Zener manteve ao longo de toda sua carreira uma preocupação, interesse e comprometimento com os problemas teóricos e metodológicos da psicologia. Durante os últimos cinquenta anos de sua vida, o autor se dedicou mais ainda ao estudo do tema da percepção humana. Em conjunto com Dr. Mercedes Gaffron elaborou uma teoria da percepção, buscando alcançar cada vez mais características significantes da experiência, como por exemplo, a percepção de objetos visuais e artísticos. Este trabalho possibilitou a identificação de aspectos importantes da experiência visual ainda não constatados anteriormente na psicologia, ou mesmo em outras áreas. A teoria de Zener e Gaffron combinada com análises de conceituações referentes à experiência perceptiva, baseadas em descobertas recentes relativas a processos nervosos e cerebrais, levou a uma ampla gama de implicações que atravessam fenômenos tanto da ciência biológica quanto das humanidades (Koch, 1999h). Nesse sentido, torna-se possível identificar outro aspecto de proximidade entre as pesquisas realizadas por Zener e as concepções de Koch. Como apresentado anteriormente, Koch (1961, 1971, 1981, 1999b, 1999d) apostava firmemente na articulação e aproximação da psicologia não apenas com o campo científico (como já ocorria), mas também com as humanidades. Como foi dito, para Koch (1961, 1971, 1981, 1999b, 1999d) apenas assim seria possível que a produção psicológica se tornasse significativa e elaborasse métodos próprios. Além disso, Koch (1961, 1971, 1981, 1999b, 1999d) apostava na ideia de uma redefinição do conhecimento (diálogo e colaboração entre todas as áreas do

conhecimento), o que pode ser constatado através desta pesquisa psicológica de Zener e Graffron que dialogam com as áreas das ciência biológicas e das humanidades.

Zener (1958) publicou um artigo denominado “A Significância da Experiência do Indivíduo para a Ciência da Psicologia” em que apresenta a distinção metodológica entre o ponto de vista da teoria da gestalt e da teoria behaviorista, no que diz respeito ao tratamento sistemático da experiência consciente. De forma geral, percebe-se uma similaridade do pensamento de Zener e de Koch. Neste artigo, Zener (1958) apresenta a importância do estudo da experiência e da consciência no campo da psicologia, afirmando que teorias, como por exemplo, o behaviorismo de Watson, que negam o estudo deste conceito, representam “uma amputação drástica do corpo da psicologia” (Zener, 1958). Além disso, aponta para limitações do estudo da psicologia científica da época afirmando a necessidade de inter-relações entre a mesma e outros ramos do conhecimentos interessados no comportamento humano, como as humanidades. Esse aspecto nos remete ao posicionamento de Koch (1961) em acreditar que muitos conteúdos da psicologia necessitam de um diálogo com o campo das humanidades para o alcance de seu conhecimento em sua complexidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo que foi apresentado, foi possível constatar grandes contribuições do autor para o desenvolvimento do campo psicológico e, ao mesmo tempo, alguns problemas referentes ao desenvolvimento de seu pensamento. Dessa forma, retomaremos aqui tais contribuições de Koch e apresentaremos em que sentido algumas delas podem ser problemáticas.

Uma reflexão de extrema importância fornecida por Koch, diz respeito ao processo de institucionalização da psicologia, que o fez se declarando integralmente científica, coerente e independente de outros campos de conhecimento. Porém, como mencionamos, o autor questionou todas essas caracterizações atribuídas ao campo, problematizando o fato de a disciplina ter forçado uma institucionalização sem nem ao menos ter solucionado seus problemas internos relativos a seus objetos, à falta de metodologia própria e, principalmente à independência do campo. De fato, a crítica do autor é bastante pertinente, uma vez que atualmente ainda não há consenso sobre a cientificidade da psicologia e não existe integração e coerência no campo. Sabemos que a psicologia possui a condição de dispersão teórica, ambiguidade e falta de concordância ontológica e metodológica. Contudo, no que se refere à questão da independência do campo, é possível constatar um problema. Não fica claro nas publicações de Koch o que ele está querendo dizer com o termo independência, uma vez que, ao argumentar sua posição de que a psicologia não é um campo de conhecimento independente de outros, ele afirma que a mesma utiliza da filosofia, da biologia e da medicina para desenvolver sua produção cognitiva. Porém, sabemos que é possível que uma disciplina seja independente e mantenha diálogos com outras áreas do saber, assim ocorre não apenas com a psicologia, mas com as áreas do conhecimento de forma geral. A articulação do conhecimento e de diferentes áreas é necessária para sua própria constituição, portanto, não

fica claro se Koch está defendendo que os estudos relacionados a aspectos psicológicos na verdade deveriam continuar existindo como subáreas dentro de suas áreas correspondentes, como antes do processo de institucionalização, ou se ele defende que tais estudos são independentes das outras áreas de conhecimento, mas devem explorar suas relações com as mesmas, o que, se for o caso, não seria um problema para o processo de institucionalização.

Outro ponto que merece destaque é a necessidade, defendida por Koch, de uma aproximação entre o campo psicológico e o campo das humanidades, como uma forma de contribuir para uma possível redefinição geral do conhecimento e para uma redefinição própria, e em decorrência disso, assumir o lugar de terceira força do conhecimento. Esse lugar, na visão do autor, decorre pelo fato de que a psicologia possui potencial para preencher a lacuna existente entre o campo da ciência e das humanidades, uma vez que, o que os separa está ligado a problemas de definição. Nesse sentido, para se fazer uma análise de definição, é necessário, na concepção de Koch, levar em consideração o saber da psicologia, tendo em vista que as definições dependem de aspectos psicológicos como percepção e aprendizagem. Em certa medida, considerar tal aproximação entre o campo da psicologia com as humanidades, de fato, se faz necessário, como o próprio autor aponta. A psicologia se manteve tão próxima das ciências naturais em busca de objetividade, que considerar outros aspectos nos estudos de seus objetos pode implicar em uma ampliação do campo, considerando estudos que nem sempre são passíveis à lógica e à utilização de métodos objetivos. Porém, entender a psicologia como uma terceira força do conhecimento, no sentido de ser responsável por uma redefinição geral do conhecimento, parece muito ambicioso. A produção de conhecimento psicológico apresenta problemas, ambiguidades e incoerências como o próprio autor mencionou, mesmo que alguns processos estudados pela psicologia perpassem as definições existentes no campo do conhecimento, tais estudos não são

definitivos e não existe consenso sobre as conclusões dos mesmos, portanto, apostar que podem preencher uma lacuna entre duas grandes áreas, parece ser bastante improvável.

Por fim, em relação ao objetivo principal da presente dissertação, Koch caracteriza o *status* da psicologia a partir do reconhecimento de sua fragmentação teórico-metodológica, assumindo que não é uma disciplina coerente e integral, e propondo sua compreensão como um conjunto de *estudos psicológicos* ao invés do entendimento tradicional que a ela é atribuído e designado como psicologia. Defende que essa é a forma mais honesta e coerente de entendê-la, além de não restringir seu *status* a nenhum modelo específico de ciência, ampliando as formas de alcance a seu objeto. Como foi constatado, Koch acredita que algumas teorias presentes no campo de *estudos psicológicos* podem ser compreendidas como correspondentes ao conhecimento científico, mas a maior parte delas, na verdade corresponde às humanidades. Tal leitura parece bastante pertinente para a época em que o autor a defendeu, considerando que o que ele estava chamando de ciência consistia na concepção moderna do termo. Atualmente, porém, outras concepções de ciência ganharam força, de forma que, sua posição em relação ao *status*, mesmo que importante e que tenha contribuído para uma transformação no campo da psicologia, esteja esquecida. Não podemos negar, entretanto, que ao defender tal posição, Koch contribuiu no sentido de evidenciar que existem limites concernentes à capacidade humana de alcançar o conhecimento, conseqüentemente, a psicologia possui limitações e condições que nem sempre favorecem o entendimento de seus objetos. Mas não é por isso que devemos negar ou evitar tais questões. Ao contrário, devemos reconhecê-las e levá-las em consideração para que sejamos mais honestos e coerentes possíveis com o conhecimento que estamos produzindo.

## REFERÊNCIAS

- Araujo, S. F. (2011). *Psicologia e Neurociência: uma avaliação da perspectiva materialista no estudo dos fenômenos mentais*. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Castañon, G. A. (2009). Psicologia como ciência moderna: Vetos históricos e status atual. *Temas em Psicologia*, 17(1), 21 – 36.
- Altman, I. (1987). Centripetal and Centrifugal Trends in Psychology. *American Psychologist*, 42(12), 1058-1069.
- Bower, G. (1993). The Fragmentation of Psychology? *American Psychologist*, 48(8), 905-907.
- Denmark, F. L.; Krauss, H. H. (2004). Unification through diversity. Em J. R. Stenberg. *Unity in psychology: possibility or pipedream?* (pp. 15-36) Washington: American Psychological Association.
- Feest, U. (2012). O Operacionismo na Psicologia: Sobre o que é o Debate, sobre o que Deveria Ser o Debate. Em S. F. Araujo. *História e Filosofia da Psicologia: Perspectivas Contemporâneas* (pp. 259-296). Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Ferraz, S. E. (2014). O Neopragmatismo de Richard Rorty e a reflexão política contemporânea. *Revista de Sociologia Política*, 22(49), 85-97.
- Finkelman, D.; Kessel, F. (1991). Sigmund Koch: human agency and the psychological studies. Em G. A. Kimble e M. Wertheimer. *Portraits of pioneers in psychology* (pp. 359-382). Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Franklin, M. B. (2001). The Artist Speaks: Sigmund Koch on Aesthetics and Creative Work. *American Psychologist*, 56(5), 445-452.
- Giorgi, A. (1985). Toward the articulation of Psychology as a coherent discipline. Em S. Koch; D. E. Leary. *A century of psychology as science* (pp.46-59). Washington, DC, US: American Psychological Association.

- Hull, C. L. (1943). *Principles of Behavior: an introduction to behavior theory*. New York: Appleton-Century.
- Leary, D. E. (2001). One Big Idea, One Ultimate Concern. Sigmund Koch's Critique of Psychology and Hope for the Future. *American Psychologist*, 56(5), 425-432.
- Koch, S. (1954). Clark Hull. Em W. K. Estes et al. *Modern Learning theory* (pp. 1-176). Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Koch, S. (1959a). *Psychology: A Study of a Science*. Nova York: McGraw-Hill Book Company.
- Koch, S. (1959b). General Introduction to the series. Em S. Koch. *Psychology: A study of a science*, I (pp. 1-18). Nova York: McGraw-Hill Book Company.
- Koch, S. (1959c). Introduction to Study I. *Psychology: A study of a science*, I (pp. 19-40). Nova York: McGraw-Hill Book Company.
- Koch, S. (1959d). Introduction to Study II. *Psychology: A study of a science*, IV (pp. xi-xxxix). Nova York: McGraw-Hill Book Company.
- Koch, S. (1959e). Epilogue. Em S. Koch. *Psychology a Study of a science*, III (pp. 729-788). Nova York: McGraw-Hill Book Company.
- Koch, S. (1961). Psychological science versus the science-humanism antinomy: intimations of a significant science of man. *American Psychologist*, 16(n), 629-639.
- Koch, S. (1964). Psychology and emerging conceptions of knowledge as unitary. Em T. W. Wann. *Behaviorism and phenomenology: contrasting bases for modern Psychology* (pp.1-41). Chicago: University of Chicago Press.
- Koch, S. (1969) Psychology cannot be a coherent science. *Psychology Today*, 3(4).
- Koch, S. (1971). Reflections on the state of psychology. *Social Research*, 38(n), 669-709.
- Koch, S. (1973). Theory and Experiment in Psychology. *Social Research*, 40(4), 691-707.

- Koch, S. (1981). The nature and limits of psychological knowledge: lessons of a century qua “science”. *American Psychologist*, 36(3), 257-269.
- Koch, S. (1993). “Psychology” or “the psychological studies”? *American Psychologist*, 48(8), 902-904.
- Koch, S. (1999a). *Psychology in Human Context: Essays in Dissidence and Reconstruction*. Ed. David Finkelman e Frank Kessel. Chicago: University of Chicago press.
- Koch, S. (1999b). Psychology versus the Psychological Studies. Em Finkelman, D.; Kessel, F. *Psychology in Human Context: Essays in Dissidence and Reconstruction* (pp115-143). Chicago: University of Chicago press.
- Koch, S. (1999c). A Theory of Definition: Implications for Psychology, Science, and the Humanities. Em Finkelman, D.; Kessel, F. *Psychology in Human Context: Essays in Dissidence and Reconstruction* (pp. 147-191). Chicago: University of Chicago press.
- Koch, S. (1999d). The concept of “Value Properties” in relations to Motivation, Perception, and the Axiological Disciplines. Em Finkelman, D.; Kessel, F. *Psychology in Human Context: Essays in Dissidence and Reconstruction* (pp. 192-232). Chicago: University of Chicago press.
- Koch, S. (1999e). The Allures of Ameaning in Modern Psychology. Em Finkelman, D.; Kessel, F. *Psychology in Human Context: Essays in Dissidence and Reconstruction* (pp. 233-266). Chicago: University of Chicago press.
- Koch, S. (1999f). The image of man encounter Groups. Em Finkelman, D.; Kessel, F. *Psychology in Human Context: Essays in Dissidence and Reconstruction* (pp. 312-328). Chicago: University of Chicago press
- Koch, S. (1999g). Clark Hull and Psychology’s Age of Theory. Em Finkelman, D.; Kessel, F. *Psychology in Human Context: Essays in Dissidence and Reconstruction* (pp. 329-338). Chicago: University of Chicago press.

- Koch, S. (1999h). Karl Edward Zener: A contrast case. Em Finkelman, D.; Kessel, F. *Psychology in Human Context: Essays in Dissidence and Reconstruction* (pp. 350-365). Chicago: University of Chicago press.
- Koch, S. (1999i). Psychology's Bridgman versus Bridgman's Bridgman. Em Finkelman, D.; Kessel, F. *Psychology in Human Context: Essays in Dissidence and Reconstruction* (pp. 366-394). Chicago: University of Chicago press.
- Miller, G. A. (1985). The constitutive problem of psychology. Em S. Koch & D. Leary. *A century of psychology as a science*. Nova York: McGraw-Hill Book Company, pp.40-59.
- Robinson, D. N. (1985). Science, psychology and explanation: Synonyms or antonyms? Em S. Koch & D. Leary. *A century of psychology as a science*. Nova York: McGraw-Hill Book Company, pp.60-74.
- Rychlak, J. F. (2004). Unification in theory and method: possibilities and impossibilities. Em J. R. Stenberg. *Unity in psychology: possibility or pipedream?* Washington: American Psychological Association, pp. 145-157.
- Smith, L. D. (1986). *Behaviorism and Logical Positivism: A Reassessment of the Alliance*. California: Stanford University Press.
- Staats, A. W. (1991). Unified Positivism and Unification Psychology. *American Psychologist*, 46(9), 899-912.
- Stenberg, R. J. (2004). Unifying the field of Psychology Unification through diversity. Em J. R. Stenberg. *Unity in psychology: possibility or pipedream?* Washington: American Psychological Association, pp. 3-14.
- Zener, K. E. (1958). The significance of experience of the individual for science of psychology. Em H. Feigl, M. Scriven, and G. Maxwell. *Minnesota Studies in the Philosophy of Science*. Minneapolis: University of Minnesota Press, pp 354-69.